

Revista da Extensão

Jul 2019 / Nº 18

ISSN 2238-0167

Entrevista com

Rumi Regina Kubo

A Educação Ambiental em uma
Comunidade Reassentada: dilemas
socioambientais

Seminário sobre Mulheridades e Políticas
Públicas: Desafios na Efetivação da
Extensão Universitária como Política das
Diferenças

EsportivaMente: Introdução à Psicologia
do Esporte em uma Academia de
Taekwondo em Porto Alegre

O projeto "Sensibilizarte" aplicado a
crianças vítimas de escarpelamento na
Amazônia

Projeto de Extensão Inovadora
MpME – Música Por Meios Eletrônicos

O Parto e o Nascimento no UFRGS Portas
Abertas

DESTAQUE DO SALÃO DE EXTENSÃO UFRGS 2018

Núcleo de Extensão Tecnológica e Gestão Rural
para Agricultura Familiar NEGAF/UNISC

Ações Afirmativas como Forma de Resistência e
acesso ao Ensino Superior Gratuito

Pega Leve: Saúde Mental do Estudante
Universitário

DERMATOVET 2018

Atendimento e Prevenção a Crianças Vítimas de
Violência 10ª Edição: uma visão ampliada na
formação acadêmica

Dança e Pessoas com Deficiência

A Extensão vista de perto

Publicação da Pró-Reitoria de Extensão da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul



"Pesquisadora/Artista Rita Rosa Lende
em apresentação de sua performance cênica: Id.Percursos,
na atividade de extensão VII Seminário Mulheridades"

Apresentação

A **Revista da Extensão** que está chegando até você, leitor, é muito especial. Afinal, está sendo lançada em meio a uma marca importante para o nosso trabalho enquanto extensionistas: os 20 anos do Salão de Extensão. O último dia 21 de junho marcou o aniversário de duas décadas da inauguração deste evento.

O Salão de 1999 foi um evento pioneiro. Fez a comunidade abrir os olhos para o real sentido da atuação da Extensão, tornando-se fundamental para a compreensão do nosso papel no tripé acadêmico. Além disso, ajudou a congregiar extensionistas, auxiliando na formação de projetos e programas interdisciplinares. Passadas duas décadas, o nosso Salão de Extensão ainda hoje serve de referência para outras universidades federais brasileiras.

O papel do Salão, da Revista e da própria Extensão é, de certa forma, o mesmo: todos têm como parte de sua missão levar o conhecimento da Universidade para a comunidade. No momento em que vivemos isso se torna especialmente importante. Alvo de ataques recentes por parte de pessoas e grupos que desconhecem sua realidade e relevância, as instituições federais de ensino superior, mais do que produzir e difundir conhecimento, têm buscado maneiras de explicitar isso de maneira clara, a fim de reafirmarem sua relevância perante a sociedade e responderem aos questionamentos daqueles que veem no conhecimento uma ameaça. E a extensão, com seus projetos, programas, eventos e publicações, é uma ferramenta poderosa contra a ignorância seletiva que nos ronda com essas ameaças.

Mais uma vez, a **Revista da Extensão** traz artigos que não deixam dúvidas quanto à importância do papel das universidades – públicas, principalmente, mas também as privadas têm demonstrado capacidade de realizar extensão qualificada, como vemos nesta edição. A entrevista com a Profª Rumi Kubo, que abre esta edição, traz o outro lado da missão extensionista a que fiz referência no parágrafo anterior: a de que também é nosso dever levar à universidade os conhecimentos da comunidade. É esta simbiose que nos une, e, a partir desta união, podemos nos tornar mais fortes.

Não são tempos fáceis, é verdade. Mas 2019, como vimos, é um ano de comemorações para a extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. É com o otimismo e o entusiasmo de 20 anos atrás que poderemos construir uma extensão ainda mais forte. E, com uma extensão mais forte, estaremos um pouco mais perto de superar todos os desafios que nos tem sido colocado.

Vicente Fernandes Dutra Fonseca
Editor Assistente

Editorial

Revista
da Extensão

Esta edição da **Revista da Extensão** chega ao público em um momento grave em relação à situação das Instituições Federais de Ensino Superior, mas também de encaminhamentos para a efetiva Curricularização da Extensão e da comemoração dos 20 Anos do Salão de Extensão.

No plano nacional, os cortes aplicados e as mudanças estruturais previstas se referem a algo muito maior que o mero equilíbrio orçamentário – têm fundo político e ideológico. Trata-se de um ataque com contornos de desmoralização, contra a concepção de universidade e de ensino público.

Convém sempre lembrar que as universidades públicas cumprem há várias décadas um papel insubstituível: o de ser um espaço onde a sociedade pode refletir sobre si mesma, em livres experimentos do pensamento e da imaginação. O Ensino, a Pesquisa e a Extensão são espaços para trazer à tona os problemas, mas também as soluções para males que afligem a sociedade.

Questões como violência de gênero, a dizimação dos jovens negros, os assassinatos por preconceito contra orientações sexuais diversas, o trabalho escravo, o crescimento econômico em oposição ao empobrecimento da maior parte da população, a degradação do meio ambiente em detrimento da especulação e da expulsão e aniquilamento de povos indígenas, entre muitos outros exemplos, mostram o desconforto que podem causar o estudo e a análise dos nossos problemas sociais.

Por essas e muitas outras razões é fundamental a defesa das Universidades e dos Institutos Federais de Ensino de Superior. Fica também cada vez mais evidente a importância da Extensão, que é socialmente referenciada e por interferir positivamente nas transformações necessárias em nosso mundo. Por meio de seus programas e projetos, ela se constitui em espaço de construção coletiva e múltipla de saberes, de assunção de vozes diversas e de intervenção na realidade.

E é com essa perspectiva que a Curricularização da Extensão (além da exigência do PNE) torna-se um compromisso com uma visão de Universidade e também de sociedade. Os estudos seguem para a melhor forma de implantação dos créditos no currículo de Ensino, mas, mais do que isso, proporciona a todos neste momento um debate sobre quem somos e para onde pensamos que a Universidade deve se voltar.

Chegamos, depois de duas décadas, nos encontrando, trocando ideias, apresentando resultados, debatendo e resignificando a nós mesmos, ao 20º Salão de Extensão. Que orgulho e que compromisso! Momento de quase maior idade, com a jovialidade de um adolescente e o compromisso de quem continua crescendo. Estaremos reunidos em outubro no 20º Salão de Extensão para mostrar o que a universidade pública efetivamente faz, em conjunto com outros setores da sociedade e na perspectiva de entregar ao mundo profissionais muito mais completos.

Neste número 18, mais uma vez, a força e a vitalidade, a criatividade e profundidade das atividades promovidas vêm sob a forma de artigos inéditos ou de pequenas resenhas de projetos vencedores do último Salão, de 2018.

Boa leitura!

Claudia Porcellis Aristimunha
Editora

Sumário

Entrevista com
Rumi Regina Kubo

04



A Educação Ambiental em uma Comunidade
Reassentada: dilemas socioambientais

11



Seminário sobre Mulheridades e Políticas
Públicas: Desafios na Efetivação da Extensão
Universitária como Política das Diferenças

18



EsportivaMente: Introdução à Psicologia do
Esporte em uma Academia de Taekwondo
em Porto Alegre

25



32



O projeto “Sensibilizarte” aplicado a crianças
vítimas de escarpelamento na Amazônia

38



Projeto de Extensão Inovadora
MpME – Música Por Meios Eletrônicos

46



O Parto e o Nascimento no UFRGS Portas Abertas



54 Destaques do
Salão de Extensão UFRGS 2018

- Núcleo de Extensão Tecnológica e Gestão Rural para Agricultura Familiar NEGAF/UNISC
- Ações Afirmativas como Forma de Resistência e acesso ao Ensino Superior Gratuito
- Pega Leve: Saúde Mental do Estudante Universitário
- DERMATOVET 2018
- Atendimento e Prevenção a Crianças Vítimas de Violência 10ª Edição: uma visão ampliada na formação acadêmica
- Dança e Pessoas com Deficiência



Entrevista com Rumi Regina Kubo

Entrevista: Vicente Fonseca

Transcrição da entrevista: Mariana Guazzelli, Thaynara Carolino e Vitória Fagundes

Edição: Vicente Fonseca

Fotos: Mariana Guazzelli e Rumi Regina Kubo

Filha de imigrantes japoneses, Rumi Kubo tem uma trajetória extensionista e interdisciplinar rara. Sua história de vida inicia no campo: criada em uma família de agricultores, deu prosseguimento nesta área na academia, quando se graduou em Ciências Biológicas. Sua trajetória a levou ainda à Antropologia, Economia e Artes Plásticas. Toda essa multiplicidade retorna ao campo através do trabalho em desenvolvimento rural, no qual une ensino, pesquisa e extensão de maneira conjugada e entrelaçada. Nesta entrevista, concedida na sede do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR), ela nos conta sobre o desafio de aliar conhecimentos tão diversos na sua atividade como extensionista, especialmente no projeto Encontro de Saberes, no qual realiza a mediação interepistêmica de conhecimentos não acadêmicos de grupos como agricultores familiares, quilombolas, indígenas e pescadores com seus alunos de graduação.

Revista da Extensão: A senhora tem uma formação bem interdisciplinar: graduação em Ciências Biológicas e Artes Plásticas, dois cursos bem diferentes um do outro; mestrado em Botânica; doutorado em Antropologia Social; e é docente na Faculdade de Ciências Econômicas. Como essas áreas tão diferentes contribuíram para a sua formação?

Rumi Kubo: Acho que a própria extensão tem uma relação muito direta com isso. São formações bem diversas, mas a minha base vem da Biologia. No curso, minha ênfase foi em etnobotânica, por isso o meu mestrado na área, trabalhando aspectos humanos da relação com a Biologia. Depois, meu doutorado foi em Antropologia, já uma certa migração. E neste paralelo vêm as Artes Visuais, as Artes Plásticas. Fiz em paralelo ao mestrado esse segundo curso, e depois vim, inclusive, dar aulas de foto no Instituto de Artes. A Universidade me proporcionou e ainda me proporciona essa multiplicidade. Foi dentro dessa perspectiva que fiz esta segunda graduação. Mas, mesmo que este espectro pareça amplo, as linhas vão se entrecruzando: na Antropologia, vim trabalhar com Antropologia Visual, que resgata esse campo das artes e da fotografia. Já na Faculdade de Ciências Econômicas, fiz o concurso, que era justamente voltado para diversas áreas do conhecimento, para trabalhar principalmente com a questão ambiental.

Revista da Extensão: É realmente marcante o entrelaçamento destas áreas na sua trajetória...

Rumi Kubo: Olhando o currículo, parece um tanto esquizofrênico (risos). Mas nós, como indivíduos, temos essa multiplicidade, e eu assumo isso. A tentativa é de costurar, e a extensão me proporciona, é uma faceta disso. Hoje de manhã (NE: a entrevista foi concedida no dia 18 de junho de 2019),

antes desta entrevista, estava pensando no que eu ia falar sobre extensão, tentando resgatar um pouco os sentidos. Hoje sou professora da Faculdade de Ciências Econômicas, pesquisadora ligada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR). Mas tanto para a pesquisa como sobretudo para o ensino, a minha porta de entrada é a extensão. A pesquisa que eu faço é praticamente impossível dissociar da extensão. Trabalho com pessoas que têm uma condição social minoritária dentro das relações de força da sociedade, em uma condição assimétrica e desprivilegiada: agricultores familiares, quilombolas, indígenas e pescadores. Não tem como fazer pesquisa com essas pessoas sem olhar essa simetria, levar em consideração isso na pesquisa. Por isso, a existência de toda essa multiplicidade: não posso ser só bióloga. Ao tratar de biologia das plantas, que as pessoas conhecem, há muitos aspectos que não são só o conhecimento estético ou modo de fazer, que as artes e outros campos me ajudam a compreender e, principalmente, dialogar com as pessoas. A extensão vai nessa perspectiva do diálogo, mas a multiplicidade também tem relação com a extensão. Ou seja: acho que é impossível fazer extensão focada somente em uma perspectiva.

Revista da Extensão: E o que veio antes, a pesquisa ou a extensão? Ou ambas andaram juntas nesse processo?

Rumi Kubo: Como eu disse, é uma pesquisa que eu não consigo mais dissociar da extensão. O primeiro contato que tive com a extensão foi a partir de um projeto para detectar o barbeiro (*NE: mosquito transmissor da Doença de Chagas*). Em seguida, como aluna, comecei com a iniciação científica, trabalhando com indígenas, o que me levou ao campo laboratorial. Em toda a graduação eu trabalhei com isso, paralelamente a muitas atividades de campo. A pesquisa que eu desenvolvo perde o sentido se não for feita com extensão. Uma abre as portas para a outra. Por exemplo: o trabalho com agricultores familiares e frutas nativas tem todos os aspectos de quais as frutas que eles usam, as formas de utilizar.

Ao adentrar nesse mundo, você percebe que há uma série de conhecimentos importantes para a pesquisa, uma infinidade de conhecimentos desse agricultor, e como vou transformar isso em conhecimento científico. Eu caracterizo isso como “pesquisação”. Existem artigos publicados nesse sentido, caracterizando esta modalidade de pesquisa como a que tem ação na constituição.

Revista da Extensão: O diálogo entre universidade e sociedade é a base do conceito de extensão universitária. Esse encontro com os agricultores é que originou o Encontro de Saberes?

Rumi Kubo: Sou filha de agricultores. Meu pai é um pequeno agricultor de origem japonesa, e eu cresci sendo agricultora. Passei a morar em Porto Alegre quando entrei na UFRGS. A Biologia é ligada a vários campos, não somente o rural, mas um pouco da Botânica foi sempre remetendo a esta agricultora que sou. Foi então que comecei a trabalhar com etnobotânica, mais especificamente plantas medicinais. Minha dissertação de mestrado foi sobre plantas utilizadas por mulheres agricultoras. A própria pesquisa já vinha se realizando a partir do contato com os agricultores, além de ser a minha origem. Eu me sinto em casa trabalhando com isso. Depois, toda a grande ênfase foi trabalhar com a temática de populações tradicionais, que na década de 1990 estava emergindo no Brasil. Eu queria trabalhar com esses grupos, mas tínhamos de nos deslocar, pois aqui não havia populações tradicionais, embora tivéssemos indígenas e quilombolas. As características não são homogêneas: há o grande agricultor, do agronegócio, e também aquele pequeno, com características muito próximas às da população tradicional, como o modo de plantar e o conhecimento muito ligado às tradições. Foi a partir de tentar ver o tradicional nessa agricultura que eu comecei a desenvolver minha ênfase em pesquisa, o conhecimento tradicional de agricultores no Rio Grande do Sul. Quando entrei no PGDR, havia uma demanda muito grande de se trabalhar com quilombolas e indígenas, com os quais eu tinha contato, mas nunca havia trabalhado diretamente.



Troca de sementes na área quilombola do Limoeiro

Revista da Extensão: Quando foi isso?

Rumi Kubo: Em 2010, quando entrei como professora no PGDR, mas eu atuo desde 2005 aqui. Surgiu das demandas dos alunos que queriam trabalhar com essas questões, provindas das ações afirmativas.

Revista da Extensão: Foi justamente na metade da última década que o tema das ações afirmativas emergiu...

Rumi Kubo: Exatamente. No Brasil, as outras pessoas que trabalhavam com populações tradicionais lidavam com indígenas e quilombolas. Comecei a trabalhar com indígenas junto à professora Gabriela Peixoto Coelho de Souza, que tem uma trajetória muito parecida com a minha. Indígenas, agricultores, quilombolas, pescadores, esses saberes todos habitam em torno do rural. O Encontro de Saberes foi um grande desdobramento disso tudo, porque havia não só a demanda como a obrigatoriedade de trazer para o ensino formal o ensino indígena e

de raça brasileiro. Acabou tudo convergindo, e desse grupo surgiram outros professores. Veio da lacuna da Universidade a perspectiva de trabalharmos essa ação de extensão, que também é de ensino. Toda construção vem da pesquisa e da extensão, e a gente leva isso para as salas de aula. O Encontro de Saberes é ensino também. A nossa trajetória como extensionistas e pesquisadores permite que a gente traga uma série de mestres tradicionais para darem aulas. Temos confiança nessas pessoas, a partir dessa relação que temos com elas: se propõem a vir e a compartilhar com os nossos alunos os seus conhecimentos, vivências e dramas. As aulas são, então, uma porta de entrada para o mundo dessas pessoas. Essa licença, na verdade, vem da atuação em extensão e pesquisa de cada um desses professores que compõem o Encontro de Saberes. O momento final é o ensino, em que eles passam a se colocar nessa posição de professores, ministrando aulas para nós, docentes, e para os alunos. Esse é o grande mérito dessa ação. Ontem, nós fomos no Quilombo do Areal, na Avenida Luiz Guaranha (*NE: logradouro acanhado localizado no bairro*

Menino Deus, em Porto Alegre). Os alunos da disciplina, cerca de 70, tiveram aula de bateria, acesso a todos os instrumentos e, ao final da aula, ocorreu um pequeno desfile da escola de samba. Essa é uma das ações que vem desse acúmulo proporcionado pela extensão e pela pesquisa.

Revista da Extensão: Como funciona essa recepção, tanto dos alunos, quanto desse público externo que vocês aproximam da Universidade? Deve ser muito enriquecedor para os dois lados.

Rumi Kubo: Acho que é isso o que nos dá o grande prazer de participarmos desta ação. É realmente um coletivo de professores da Universidade. Eu sou da Economia, há docentes das Artes, da Música, de Letras, da Agronomia... Nos colocamos como uma equipe, temos uma diversidade. O estilo de aula que alguém da Economia dá é completamente diferente de alguém da Música e do Teatro. Já observamos como são diferentes as estratégias de noção pedagógica. Cada um traz seus parceiros de pesquisa e extensão, e a partir do laço de confiança dizemos “olha, não é uma ação em que vamos colocar vocês ali para nós darmos aula, vocês é que estarão assumindo a condição de professores”. Até essa negociação tem que ser diferenciada. Claro, são dez anos de pesquisa. Essas pessoas que a gente traz são muito mais do objetos de pesquisa, são amigos nossos. Não é para eles se moldarem ao nosso formato de dar aula: se é na rua, se é na beira de um rio... se é nesses lugares em que eles sentem como professores, e não dentro de uma sala de aula, vamos lá! É esse jogo, essa negociação, que a gente vai construindo. Ao mesmo tempo, é uma tensão, pois você vai entrando no mundo dessas pessoas e o expõe a um público muito diferente. A maioria dos alunos nunca teve contato anterior com um indígena, nunca entrou em uma área quilombola, ou sequer sabia que existia um quilombo aqui perto, ficam impressionados ao saberem disso. O que a gente quer é entrar no drama desses grupos. Por isso, nessa interlocução, precisamos ter uma atitude respeitosa, saber como abordá-los. Não é só você

perguntar para satisfazer suas curiosidades. É essa perspectiva de diálogo que a gente procura modular. Pedagogicamente, esse é o grande cuidado que tentamos tomar. O aprendizado não é apenas conhecer esses grupos, mas também ter uma vivência desse contato, dessa adequada formulação respeitosa e dialógica que temos de tecer com eles.

Revista da Extensão: E como se preparar para fazer essa mediação entre culturas tão diferentes?

Rumi Kubo: Diálogo, somente isso. E estar preparado para o inusitado. Para cada um dos mestres temos uma forma de preparo diferente. A própria preparação, em termos de pesquisa antropológica, é uma relação de contato e, assim como a troca de saberes, renderia resultados que poderiam ser caracterizados como pesquisa. Essa relação de interculturalidade é uma pesquisa em curso. Na avaliação da disciplina, o aluno não tem de elaborar um relatório final, mas sim formular alguma proposta que vá remeter e ser quase devolutiva para os contextos desses mestres. Portanto, a própria avaliação final vai ser muito mais caracterizada como uma ação de extensão do que uma atividade avaliativa. Assim, é possível perceber como pesquisa, extensão e ensino estão em uma coisa só.

Revista da Extensão: Esta interligação do tripé acadêmico é bastante natural no seu trabalho, ao mesmo tempo em que é bastante complexa, certo?

Rumi Kubo: Quando comecei a fazer extensão e a participar das discussões sobre a área, notei que havia quase um preconceito da pesquisa com relação à extensão, mas também da extensão em relação à pesquisa. A minha geração era, em boa parte, formada por pesquisadores que também estavam fazendo extensão. Havia o comentário de que em certas situações os pesquisadores se aproveitavam da extensão para executarem suas ações de pesquisa, pois tinha bolsa, fomento. Mas acredito que é impossível dissociar uma coisa da outra. Na pesquisa, mesmo com seres

humanos, você tem uma extração de dados, seja conhecimento, materiais, amostra. Já a extensão, pode-se dizer, amenizava essa relação meramente extrativa. Ao longo do tempo, a gente percebe, como pesquisadores, que temos um papel muito importante na mediação, você pode se colocar como igual. Por exemplo: uma pesquisa com um samambaieiro, por exemplo, nos leva à resposta de que os seus procedimentos não vão levar à extinção da samambaia preta, como a Secretaria Estadual do Meio Ambiente chegou a sugerir.



Atividade com samambaieiros ajudou a alterar legislação estadual de cultivo da espécie

Revista da Extensão: Como foi este caso?

Rumi Kubo: Na época, quando comecei a atuar em ONGs, esses extrativistas estavam proibidos de realizar a atividade de extração. Eles alegavam que a atividade que realizavam não iria levar a samambaia preta à extinção, e a nossa pesquisa confirmou isso. Fizemos uma série de experimentos para ver se a extração praticada por este grupo levava à diminuição da variabilidade genética, da quantidade em relação à coleta, e realmente é o que eles diziam: o que levaria a planta à extinção era o mato, pois, se você não maneja esta vegetação, vem uma vegetação secundária, uma capoeira, que depois vira floresta, e em floresta a samambaia não cresce. Este é um conhecimento deles, do qual fizemos uma tradução, e a Secretaria de Meio Ambiente acolheu em forma de legislação tudo

o que esses extrativistas faziam. Foi uma negociação que fizemos, e conseguimos formalmente o reconhecimento das formas de extrair que eles praticavam. Acho que a palavra importante para a extensão é mediação: não adianta, eu nunca vou ser extrativista, embora tenha origem agrícola, mas, com toda a minha trajetória de pesquisa, eu não vou mais ser agricultora, mesmo que queira. É preciso reconhecer os lugares de poder, colocar à disposição das pessoas essa possibilidade de mediação e aplicar esse conhecimento, adquirido em escolas e universidades públicas. A extensão tem sido o espaço para dinamizar isso e fazer a roda continuar andando, pois o conhecimento gerado a partir dessa mediação é veiculado, retorna para os samambaieiros e também para a Secretaria do Meio Ambiente, que aperfeiçoa seus mecanismos de fiscalização. Então, mesmo os pesquisadores mais exclusivamente centrados em pesquisas reconhecem que, de alguma forma, tudo o que eles buscam é o retorno para a sociedade. Talvez a extensão seja o espaço possível para essa mediação mais direta.

Revista da Extensão: A sua trajetória concilia muito bem pesquisa com extensão, mas sabemos que no meio acadêmico isso nem sempre ocorre. A senhora enxerga ainda uma resistência de alguns extensionistas em trabalhar também com pesquisa?

Rumi Kubo: Não acho que exista resistência. Acho que existem diferentes formas de fazer extensão, diferentes grupos. É uma diversidade, e deveríamos, em tese conviver com isso. Há professores que se propõem à pesquisa, buscam isso nos seus caminhos. Outros fazem trabalhos maravilhosos porque mergulham totalmente na extensão. É muito de cada um. Existem perfis diferentes, e esses perfis é que trazem essa riqueza do que é a extensão da UFRGS e outras instituições, mas sobretudo a daqui. No Salão é que a gente se dá conta disso. Eu vou às tertúlias e, nossa, olho e penso “meu Deus do céu!”, em especial nesse momento em que a Universidade é criticada, aquela coisa de “para que serve a

Universidade? Para que gastar dinheiro público com ela?”. Nossa, se a gente percebesse, somente nas tertúlias, tudo o que se faz... Pessoas com diferentes motivações, seja com olhares mais focados na pesquisa, ou outras que mergulham a ponto de estarem quase vivendo nas comunidades. Então, acho que essa diversidade é o que forma esse espectro da extensão da UFRGS. A diversidade desses perfis a engrandece. Há momentos, por exemplo, em que vamos precisar justamente daquele pesquisador que dá o seu pitaco na extensão. Isso é muito bom, é sempre muito bem-vindo.

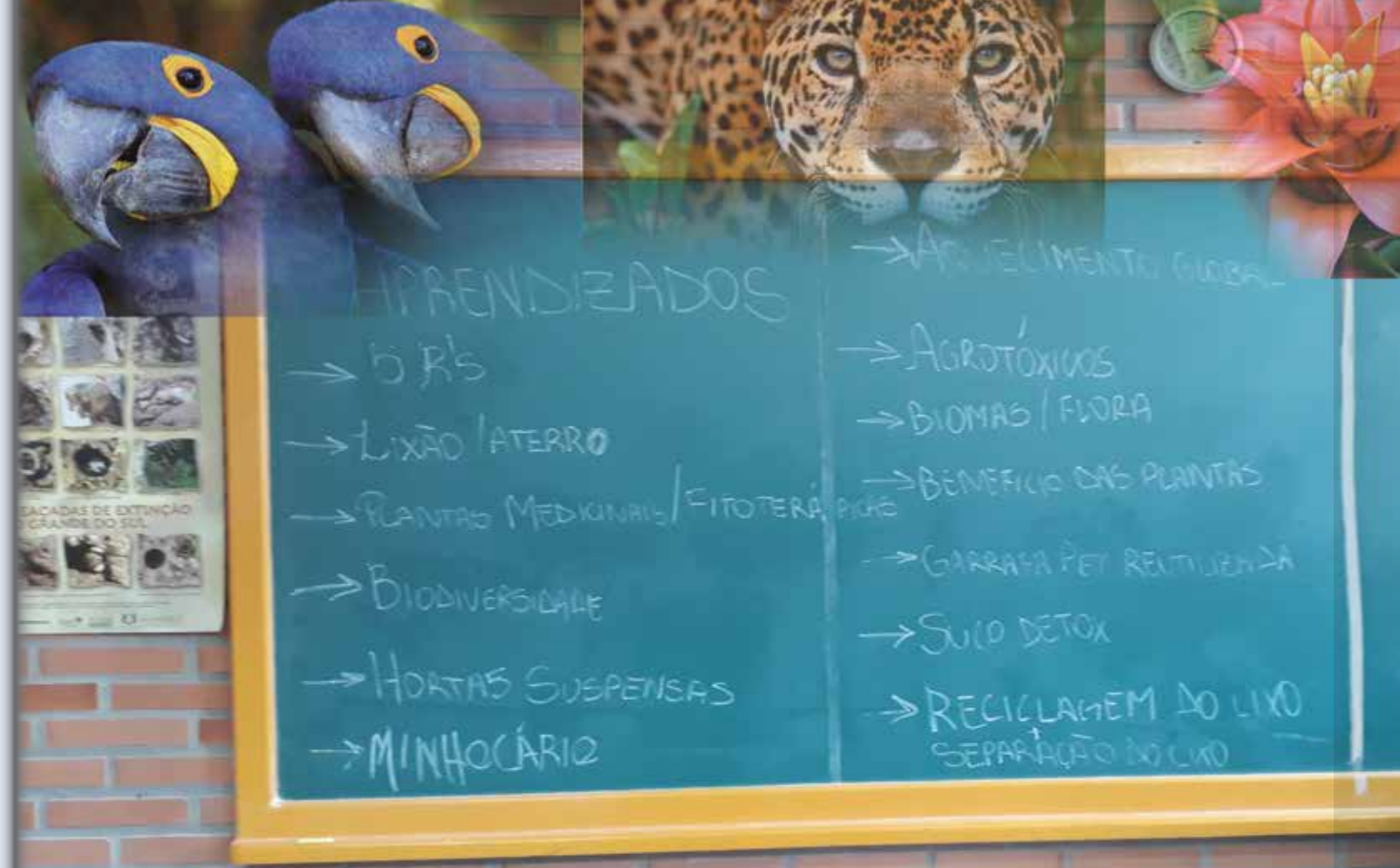
Revista da Extensão: Já que a senhora tocou na questão do momento das universidades públicas, como é lidar com esse tipo de diálogo intepistêmico com outros saberes nesse momento em que vivemos? Afinal, a partir destas instituições, povos que sofrem muito preconceito começaram a encontrar voz, o que tem sido ameaçado diante do atual contexto.

Rumi Kubo: Acho que todos estamos em uma postura de espera. Já começamos a perceber as dificuldades. Precisamos estabelecer uma trajetória de diálogo e aproximação com esses grupos, explicando que os projetos não vão acabar etc. Mas o importante é que a extensão abriu essas portas, e uma vez que as portas foram abertas eles não se fecham – mesmo que, num primeiro momento, isso aparentemente possa ocorrer. Domingo fui ao Planetário, e lá são recolhidos alimentos não perecíveis como ingresso para as sessões, os quais são doados para vários projetos, entidades. Neste domingo as doações foram para um grupo Mbya-Guarani. Eu mesmo levei as doações, e tive oportunidade de conversar com o cacique, para ver a percepção deles a respeito disso. Eles nos enxergam como mediadores, e a abertura desta porta de mediação foi a extensão que proporcionou. Eles nos colocam várias demandas e eu expliquei que “olha, nesse momento, sem recursos, não temos uma via de atender concretamente à demanda que vocês têm”. O convívio que esse espaço de mediação

proporcionou dá lastro para dizemos a eles que “este é um momento difícil, mas pelo qual vamos passar juntos. A gente percebe que vocês têm dificuldades, assim como nós estamos tendo”. Dizemos a eles que estamos caminhando juntos. Esse diálogo está definitivamente estabelecido. A dificuldade vai ser grande por causa das restrições, mas a parceria está muito mais sedimentada e consolidada que quando iniciamos. É um caminho sem volta. A extensão dá esse lastro que culmina em relações de amizade, de parceria construída, e isso permanece na memória das pessoas. É um momento difícil, mas não é a primeira vez, nem vai ser a última. Um indígena certa vez nos disse: “olha, nós resistimos 500 anos... não vai ser agora, em pouco tempo, que vamos deixar de resistir. Se nós conseguimos, vocês também vão conseguir”.

Revista da Extensão: Professora, tens alguma mensagem para deixar ao nossos leitores?

Rumi Kubo: Em termos de extensão, a UFRGS, tem reconhecidamente, enquanto pró-reitoria, um espaço muito claro. A PROEXT é um espaço de mediação de diferentes níveis, e é impossível deixar de reconhecer esse esforço das pessoas que compõem a pró-reitoria. Acho esse esforço louvável, da PROEXT e de todos que fazem extensão na UFRGS. Na perspectiva do desenvolvimento rural, que é a área em que trabalho, a extensão se conjuga com uma política mais ampla do Estado, passando a ser mais estratégica. Na agricultura familiar, por exemplo, o CNPq passou, a partir de 2016, a abrir editais que eram não só para pesquisa, mas também para extensão. Isso tudo faz parte de um contexto geral que levou ao fortalecimento extensionista, e nós todos somos fruto disso. É nessa perspectiva que resolvemos embarcar, e espero que possamos seguir em frente e dando frutos. ◀



A Educação Ambiental em uma Comunidade Reassentada: dilemas socioambientais

Marilise Oliveira Mesquita: Saúde Coletiva - UFRGS
Tatiana Souza de Camargo: Educação do Campo - UFRGS
Acadêmica de Agronomia - UFRGS: Themis Kerber Horn
Acadêmica de Medicina Veterinária - UFRGS: Maria Luiza Vargas
Acadêmicas de Engenharia Ambiental - UFRGS: Elis Mesquita Horn e Luana Gabriele Gomes Camelo

Resumo

O presente trabalho visa sistematizar as experiências vivenciadas pela equipe de extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) dos projetos “Horta Educativa - Um Espaço para Criar” e “Hortas Comunitárias Agroecológicas no Reassentamento Porto Novo: Sensibilização e Planejamento para Ação Comunitária”,

vigentes no ano de 2018, na Escola Municipal de Ensino Fundamental Porto Novo, situada no reassentamento urbano Porto Novo. O grupo de trabalho foi composto por discentes e docentes de diferentes cursos. Desta forma, foi proporcionada uma inter e multidisciplinaridade nas ações do projeto. Os objetivos principais do trabalho de extensão foram: introduzir práticas educativas com temas transversais, como o meio ambiente, saúde e consumo; incentivar uma visão global e abrangente da questão ambiental a partir de práticas lúdicas; aproximar a universidade às comunidades adjacentes; e estimular usos pedagógicos de uma Horta Escolar. Nesse ínterim, o plano de atividades envolveu o desenvolvimento de estratégias pedagógicas, jogos de tabuleiro idealizados pelas bolsistas com temáticas da sustentabilidade e biodiversidade, jogos online a respeito do manejo de resíduos, e a produção, junto aos alunos, de uma horta suspensa de plantas aromáticas. Para uma avaliação quantitativa da eficiência didática, foi realizada uma atividade avaliativa com os estudantes.

A Escola Municipal de Ensino Fundamental Porto Novo e a realidade socioambiental da comunidade

O público alvo deste projeto de educação ambiental foram os estudantes da Escola Municipal de Ensino Fundamental Porto Novo (EMEF Porto Novo). A escola faz parte do Conjunto Habitacional Porto Novo, um reassentamento urbano situado na Zona Norte da cidade de Porto Alegre, no bairro Rubem Berta. A comunidade começou a ser removida da antiga localização de ocupação irregular, Vila Dique, em meados de 2009, e foi reassentada, apesar de longe do local de origem, em um espaço com equipamentos urbanos, que não existiam na antiga comunidade. O conjunto habitacional dispõe ainda de um galpão de triagem de resíduos recicláveis, de uma unidade básica de saúde, de uma creche e de um centro comunitário.

A Vila Dique se caracterizava pela falta de infraestrutura urbana, sem saneamento básico, e, sobretudo, com descarte irregular de resíduos sólidos. Os antigos moradores da vila, que hoje compõem a maioria das famílias do reassentamento Porto Novo, viram-se, com a mudança de local, confrontados a mudança dos seus hábitos (sanitários e ambientais) típicos de local sem saneamento básico. Diante desse cenário, o desafio central do projeto foi o de provocar o senso crítico e reflexivo dos estudantes, para a construção de caminhos que possam contribuir no enfrentamento dos problemas ambientais e sociais.

A construção da escola teve início em 2012. Ela iniciou suas atividades em março de 2015, e completou quatro anos de atividades em 2019. São atendidos diariamente 420 crianças e adolescentes, divididos em ciclos de ensino – ciclos A, B e C, todos eles estruturados por um “Tema Gerador”. Cada ciclo compreende três anos do ensino fundamental, totalizando os nove anos de estudo. Os estudantes ficam em turno integral até o final do ciclo B; a partir do ciclo C, o turno inverso se torna opcional. A equipe diretiva apoiou a realização das atividades, mostrando interesse em trazer a educação ambiental para o cotidiano dos alunos. Além disso, a escola já desenvolvia vários projetos de sustentabilidade, alimentação saudável e cuidados com a natureza, envolvendo uma horta educativa. Ademais a equipe de extensão universitária da UFRGS já vem realizando atividades de educação ambiental, cuidados com as zoonoses (MESQUITA et al. 2013; MESQUITA et al. 2016) e alimentação saudável na comunidade Porto Novo e na escola (JANTZEN et al. 2016).

Juntamente com a direção da escola, optou-se por trabalhar com os estudantes do ciclo C, com idades entre 12 a 14 anos, para melhor aproveitamento das atividades do projeto, com a realização de um encontro semanal no turno da tarde.

O Projeto Horta Educativa e seus desdobramentos

O projeto Horta Educativa é uma ação de extensão universitária da UFRGS que vem sendo desenvolvida desde 2016, oriunda da faculdade de Educação, e propõe a horta como uma estratégia viva e prática. A horta educativa foi uma estratégia disparadora para estudos, pesquisas, debates e atividades sobre questões ambientais, alimentares e nutricionais. Desta forma, foi possível estimular o trabalho pedagógico dinâmico, participativo, criativo e transdisciplinar, assim como outras descobertas e aprendizagens múltiplas. Esse projeto vem sendo desenvolvido em diferentes espaços educativos, o que tem possibilitado o uso potencial das hortas na educação social, em ambientes de promoção da saúde (inclusive de saúde mental), associações comunitárias, entre outros. Para a realização desta ação, foi efetivada a união com outro projeto de extensão cadastrado na UFRGS, oriundo do Bacharelado em Saúde Coletiva: “Hortas Comunitárias Agroecológicas no Reassentamento Porto Novo: Sensibilização e Planejamento para Ação Comunitária”, que visou introduzir a sensibilização ambiental e humana para uma ação conjunta da universidade com a comunidade. Além da fusão dos dois projetos, houve o apoio do programa “Horticultura Urbana”, da Faculdade de Agronomia, o qual oportunizou capacitações na área de hortas suspensas e forneceu as mudas agroecológicas para o desenvolvimento das atividades na escola.

A proposta das hortas escolares também ganhou força e apoio na Comissão de Produção Orgânica do Ministério da Agricultura, como uma das formas de incentivar a produção e o consumo de alimentos orgânicos e agroecológicos, e a oportunidade de restabelecer ou estabelecer pela primeira vez, o contato com a produção natural de alimentos e com os cuidados com a saúde ambiental e humana entre estudantes de escolas de ensino fundamental.

Os caminhos da sensibilização ambiental e humana e seus atores: educandos e educadores

Os caminhos para a sensibilização ambiental tiveram início muito antes das atividades em sala de aula. O planejamento e a produção de materiais didáticos constituíram a primeira parte do projeto. Foram elaboradas propostas de acordo com a demanda que a equipe diretiva da EMEF Porto Novo identificou no plano curricular. Foram realizadas reuniões na escola, encontros das professoras coordenadoras do projeto com as bolsistas, e capacitações com os bolsistas de extensão do Programa Horticultura Urbana da UFRGS. A partir dessas discussões iniciais, começaram a ser produzidos os materiais pedagógicos, que incluíram as temáticas da agroecologia com a “trilha agroecológica” (Figura 1) e das plantas



Figura 1 - Jogo da Trilha Agroecológica no Salão de Extensão da UFRGS

aromáticas e de alimentação saudável com o “jogo de memória das aromáticas”. Além disso, foram selecionados jogos já existentes para complementar o aprendizado. São eles o Jogo da Biodiversidade desenvolvido pela PROBIO, do Ministério do Meio Ambiente e o *e-game* “Trilha Ecológica” disponibilizado no site da Embrapa.

O primeiro encontro e, consequentemente, primeiro contato com o ciclo C, iniciou-se com uma dinâmica de apresentações, tanto das bolsistas e professoras, quanto dos alunos da turma, que consistiu em um questionário. Dentre as perguntas feitas aos alunos estava “o que você quer fazer quando crescer?”. Suas respostas surpreenderam, tendo em vista o contexto da comunidade, mostrando que os alunos possuem interesse em uma graduação acadêmica, mas desconhecem, em sua maioria,

a possibilidade de acesso ao ensino superior, as oportunidades dentro da universidade e o vasto número de cursos de graduação disponíveis. Posteriormente, foi introduzida a temática da biodiversidade com a utilização de *cards* (Figura 2) com imagens da fauna e flora ameaçadas de extinção, gerando um debate sobre a falta de cuidados com o meio ambiente. Nesse dia, também fizemos uma roda de conversa sobre agrotóxicos, o seu impacto no ambiente e os benefícios da agroecologia, sempre respeitando os conhecimentos prévios de cada um e buscando instigar a curiosidade do grupo. Para exercitar os saberes em discussão, a turma foi dividida em dois grandes grupos, os quais foram encaminhados para jogos diferentes: o Jogo da Biodiversidade, já mencionado, e a “Trilha Agroecológica”, que levanta questionamentos acerca do uso dos agrotóxicos.

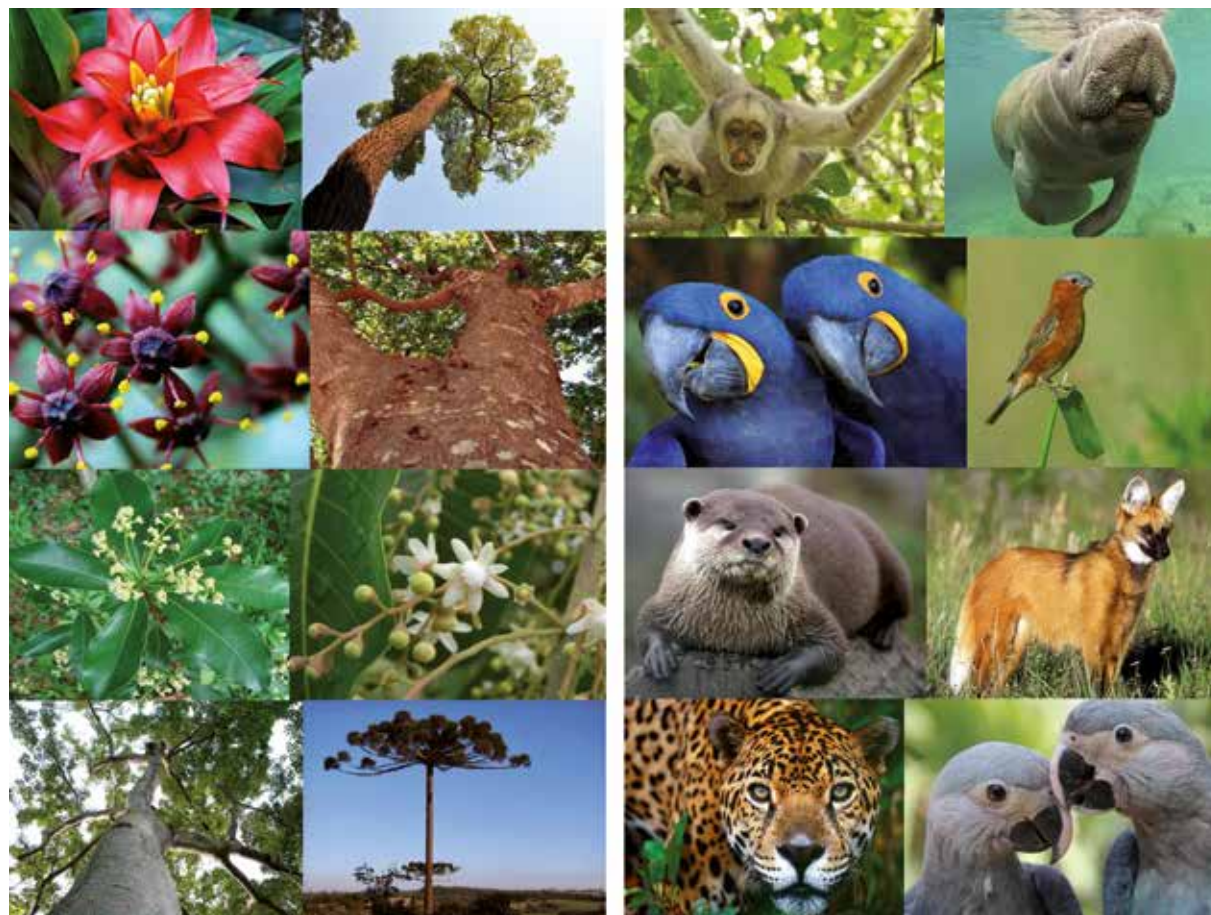


Figura 2 - Cards com as espécies da fauna e flora brasileira em risco de extinção

Desde o primeiro contato da equipe de extensão com os alunos da Escola Porto Novo, houve um processo de adaptação, tanto da linguagem, muito diferente da vivenciada na academia, quanto da forma de ensinar, para que as temáticas tratadas se tornassem interessantes e didáticas. Além disso, houve a necessidade de adequação da equipe aos materiais didáticos disponíveis na escola.

Na semana subsequente, o assunto tratado foi o tema de fitoterapia e plantas aromáticas. Foram colhidos pelas próprias bolsistas, em suas hortas agroecológicas particulares, amostras de plantas aromáticas para exibição e explicação de suas características, qualidades e propriedades importantes para uma alimentação saudável. Para um melhor aproveitamento e uma aula mais descontraída e prática, as plantas colhidas foram utilizadas para fazer uma oficina de sucos orgânicos, uma novidade para uma grande parcela da turma. Os sucos produzidos foram: suco verde, composto de limão, hortelã e couve, e um suco de abacaxi e hortelã. Ocorreu um estranhamento por parte dos discentes perante os sucos naturais, muitos deles não estavam acostumados com o sabor das hortaliças. Houve também uma divisão entre aqueles que aprovaram ou não, os sabores. A importância destas experiências está na oportunidade do contato com alimentos naturais sem insumos industriais. Durante a atividade nos deparamos com frases como “eu não gosto de água, só tomo refrigerante!” e percebemos a urgência em resgatar esses saberes/sabores.

A terceira semana de aula começou com uma dinâmica sobre a destinação dos resíduos sólidos. O objetivo do jogo foi colocar cartões com ilustrações de resíduos comuns ou especiais (pilhas, baterias, lâmpadas fluorescentes, medicamentos vencidos) nas urnas correspondentes. Juntamente com os alunos, foram discutidos os destinos corretos dos resíduos e aberta uma reflexão sobre a produção exacerbada de “lixo”. Com o intuito de repensar as práticas diárias e continuar a discussão, trouxemos para as pautas

os “5 R’s: rejeitar, repensar, reduzir, reutilizar e reciclar” e o porquê dessa importante ordem. No seguimento da aula, introduzimos alternativas para aproveitamento dos resíduos: a reciclagem e a compostagem. De acordo com a curiosidade dos estudantes, foram expostas as técnicas de reciclagem, os produtos que podem ser reciclados, a quantidade de vezes que se pode reciclar cada elemento e todo o funcionamento de uma composteira e de um minhocário. “E os elementos que são descartados, para onde vão?”, foi a pergunta mais pertinente da terceira aula. Desta forma, foi adicionado ao conteúdo programático a diferenciação de lixões e aterros sanitários.

Para uma avaliação quantitativa da evolução dos alunos perante as temáticas trabalhadas, no quarto dia de trabalho foi proposta uma atividade avaliativa (Figura 3), em grupo, englobando todos os assuntos tratados com os estudantes. A questão com maior número de acertos foi a relativa ao reaproveitamento de material reciclável, revelando um interesse especial dos alunos às práticas que podem ser realizadas no dia a dia. O seguimento desta discussão se deu na sala de informática, na qual foi proposto o *e-game* da EMBRAPA, “Trilha Ecológica”, o qual foi muito bem recebido pelos alunos.

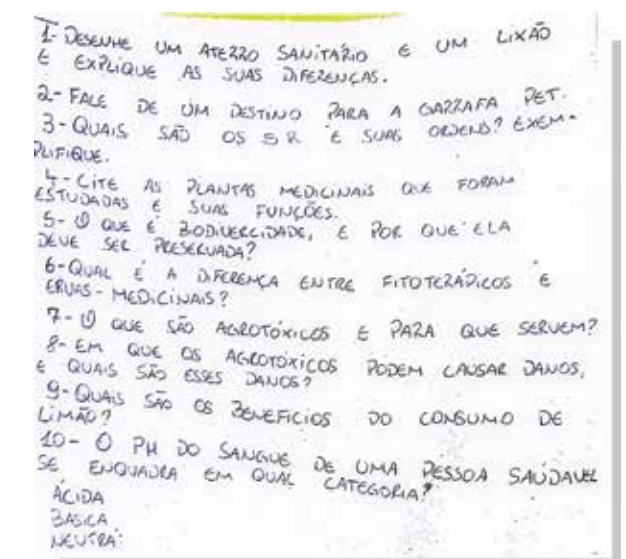


Figura 3 - Atividade avaliativa

Posteriormente à semana do trabalho avaliativo, foi colocado em prática o projeto de Hortas Suspensas. Foram expostos para os alunos modelos de suporte para a horta, feitos com garrafas PET reutilizadas, e quais as mudas disponíveis para o plantio (alecrim, hortelã, manjerição roxo e poejo). Foi exigido um pequeno projeto para cada aluno, deixando livre a escolha do modelo e da planta aromática. Os estudantes atuaram apenas nas partes de corte (Figura 4) e de melhor combinação de mudas de acordo com o funcionamento de uma horta suspensa. A turma se mostrou bem empenhada e interessada na parte prática.



Figura 4 - Montagem dos vasos da horta com os alunos

O penúltimo encontro foi o dia de plantar (Figura 5 e 6). Foram levadas as mudas adquiridas na Universidade e disponibilizadas para a horta, assim como a terra necessária para a transplantação. Os equipamentos, tais como pás e regadores, a escola já possuía. Cada aluno foi auxiliado na utilização do substrato e no posicionamento do seu vaso dentro do pátio escolar, levando em consideração incidência de luz solar e distanciamento de possíveis áreas de risco. Posteriormente, os estudantes foram encaminhados para a sala de Informática, onde produziram uma ficha técnica de acordo com a(s) muda(s) plantada(s), com seus benefícios e suas adversidades. Além disso, foram exercitadas as habilidades no computador para a criação de um documento formal.



Figura 5 - Alunos plantando as mudas com a utilização do substrato fornecido



Figura 6 - Vaso pronto confeccionado por um dos alunos

No dia 17/12/2018 houve o encerramento dos encontros, onde foi provocada uma retomada das temáticas discutidas (Figura 7). O resultado foi satisfatório, visto que os conhecimentos foram retomados e em sua totalidade foram mencionados pelos estudantes. Para um fechamento informal e descontraído, as bolsistas planejaram um lanche coletivo que foi seguido de brincadeira em grupo, de perguntas e respostas, para uma recapitulação dos temas abordados. Foi satisfatório ver o resultado do trabalho aplicado e dos laços criados.



Figura 7 - Levantamento pelos alunos dos temas discutidos durante os encontros

Atravessamentos e vivências fora do plano

O projeto Horta Educativa, como extensão universitária, se propôs a compartilhar com a comunidade do reassentamento o conhecimento científico adquirido na Universidade. Para sua efetivação, entretanto, uma série de dificuldades foi enfrentada devido ao grau de vulnerabilidade social do público-alvo, e o distanciamento da Universidade destas comunidades.

A fim de se estabelecer uma comunicação efetiva e fluida com os alunos, houve uma necessidade de adaptação da linguagem utilizada na faculdade com aquela presente no ambiente de uma sala de aula com os alunos da Porto Novo. Estes, por sua vez, pela esfera social em que vivem, são

constantemente expostos a situações de violência, levando essas problemáticas com eles, tomadas como algo natural, representando, assim, uma dificuldade a se lidar em sala pelas bolsistas. Ademais,

com a greve de professores e funcionários públicos, ocorrida em meados de setembro, o prazo para o exercício das atividades foi diminuído e o projeto encurtado, atendendo apenas alguns dos assuntos inicialmente programados para serem abordados.

Ademais, surgiram, para além da proposta de educação ambiental, demandas sociais. Durante o período das atividades, situações envolvendo questões pessoais dos alunos eram corriqueiras e tiveram que ser tratadas com responsabilidade. Por não estarem no planejamento, essas demandas trouxeram um amadurecimento para a equipe de extensão, o qual consistiu em entender o papel do extensionista e até onde vai o seu poder de atuação.

Nesse sentido, a discussão da educação ambiental em aula se apresenta como uma via de formação de futuros cidadãos sensibilizados e críticos com os antigos hábitos de saúde e meio ambiente herdados da Vila Dique. O desenvolvimento de uma horta comunitária na escola possibilitou aos mesmos, retomarem o contato com os meios de produção agrícola orgânica, cada vez mais escassos.

Agradecimentos

Pró-Reitoria de Extensão da UFRGS (PROREXT); à equipe diretiva da escola Porto Novo, em especial à diretora Salete Monticelli e à vice-diretora Carolina Derós; e ao programa Horticultura Urbana, coordenado pela Professora Tatiana Duarte. ◀

Referências

- EMBRAPA. **Embrapa Agrosilvopastoril**. Disponível em: <<https://www.embrapa.br/agrossilvipastoril/sitio-tecnologico/jogo>> Acesso em: set 2018
- JANTZEN, M.M.; MESQUITA, M.O.; TREVLATO, G.C.; SARAIVA, L.H.; SCHONS, M.S.; PETERSEN, M. **Interagir: Pensando a Extensão**. n. 21, p. 70-79, jan./jun. 2016
- MESQUITA, M.O.; JANTZEN, M.M.; SCHONS, M.S.; TREVLATO, G.C. Atuação discente em ações de saúde ambiental e vigilância sanitária em comunidade urbana reassentada. **Revista da Extensão**, n.6, p.59-64, 2013.
- MESQUITA, M.O.; TREVLATO, G.C.; TREVLATO, G.C.; SARAIVA, L.H.; SCHONS, M.S.; GARCIA, M.I.F. Material de educação ambiental como estratégia de prevenção da leptospirose para uma comunidade urbana reassentada. **cad. saúde colet.**, v.24, n.1, p. 77-83, 2016.



Figura 1 - Participantes da mesa "Mulheres e experiências na educação como resistência". Fonte: Equipe CRDH/NUPSEX

Seminário sobre Mulheridades e Políticas Públicas: Desafios na Efetivação da Extensão Universitária como Política das Diferenças

Daniela Dalbosco Dell'Aglio: Psicologia - UFRGS
Fernanda dos Santos de Macedo: Psicologia - UFRGS
Acadêmica de Ciências Sociais: Priscila Andréa da Cruz

O CRDH/NUPSEX e um breve histórico dos Seminários

Considerando que determinados corpos são atravessados por um permanente estado de exceção desejado pelo Estado, através de uma estrutura social que tem como norma excluir quem carrega consigo os marcadores dissidentes de raça, gênero, sexualidade e outros, ainda, tendo em vista que a classificação binária de gênero condiciona o grupo social

“mulheres” a uma segunda categoria, ao mesmo tempo que tal grupo é composto por experiências únicas que coexistem dentro da diversidade, se faz necessário considerar essas pluralidades na construção das políticas públicas e nas estratégias de ensino e extensão universitária.

Considerando todo esse contexto, o Centro de

Referência em Direitos Humanos, Relações de Gênero, Diversidade Sexual e Raça (CRDH) que é um Programa de Extensão vinculado ao Núcleo de Pesquisa em Sexualidade e Relações de Gênero (NUPSEX) do Instituto de Psicologia da UFRGS – e tem como objetivo a promoção dos Direitos Humanos, especialmente em relação ao racismo e à violência contra mulheres cis e trans, homens trans, gays, lésbicas, travestis entre outras identidades que se atravessam a possíveis opressões em relação ao gênero e à sexualidade - organizou o VII Seminário “Diversidade Sexual, Relações de Gênero, Raça e Políticas Públicas – Diálogos Interseccionais e Mulheridades: Políticas de Educação, Saúde, Segurança e Território”, o qual iremos descrever neste artigo.

A equipe do CRDH/NUPSEX desenvolve ações acerca das questões de raça, gênero e diversidade sexual, tais como: acolhimento à população vítima de alguma dessas violências; formações para trabalhadores da saúde, educação, assistência social, entre outras; oficinas e rodas de conversa com grupos de jovens nos quais se identifica alguma demanda relacionada ao nosso campo de trabalho. Portanto, o VII Seminário Diversidade Sexual, Relações de Gênero, Raça e Políticas Públicas, que se propôs a debater diferentes temáticas que envolvem os eixos centrais de discussão do CRDH/NUPSEX, se insere objetivamente na área de formação de operadores das políticas públicas.

Ao mesmo tempo, é um momento de construção de conhecimento sobre as temáticas abordadas, pois reúne pessoas de espaços e experiências diversas no mesmo evento, desencadeando um processo também que pode ser utilizado na discussão da relação entre a universidade e a extensão. Isto é, repensar a função social da Extensão e o quanto essa ação é conformada por tensionamentos, desde o âmbito universitário e aos demais sujeitos que estão em interação com a política de Extensão.

1. Esse Seminário foi realizado entre os dias 15 e 18 de julho de 2017 no Instituto de Psicologia e no Salão de Atos II da UFRGS.

O Seminário anteriormente mencionado é organizado, anualmente, pelo CRDH. Sua primeira edição ocorreu no ano de 2011, e contemplou a formação profissional em relação à compreensão da diversidade sexual e de gênero, destinando-se às trabalhadoras e trabalhadores, e militantes do movimento LGBT, que objetivam a igualdade de direitos. Em 2012, o encontro teve como tema as políticas públicas relacionadas à educação para a diversidade sexual e de gênero, bem como o papel dos movimentos sociais no controle social das políticas contra a discriminação.

No ano de 2013, o Seminário teve como subtítulo “Estado, Laicidade e Sexualidade - Fronteiras de Liberdade Religiosa”. O enfoque explicitava as tensões entre a liberdade religiosa e as manifestações de homofobia/transfobia que atravessam a formulação de políticas em nome de religião. No ano seguinte, em 2014, teve como subtítulo “Direitos Sexuais e Diversidade no Debate Eleitoral: Avanços, Ruptura e Retrocessos”. Em meio ao debate eleitoral, surgiram diversas declarações contra a diversidade sexual e de gênero, com manifestações públicas homofóbicas, frequentemente relacionadas a discursos religiosos. A quinta edição, em 2015, intitulou-se “Políticas Públicas e Transvestilidades/Transexualidades: Educação, Saúde, Segurança e Trabalho. Diálogos Brasil-Canadá”, com o foco nas políticas públicas voltadas para transexuais, travestis e transgêneros.

No ano de 2016, com o intuito de evidenciar o marcador racial, o VI Seminário “Políticas Públicas para a População Negra - Diálogos Interseccionais” abordou questões considerando o panorama atual das políticas públicas para a população negra no Brasil e os debates crescentes em torno do racismo e do conceito de interseccionalidade. As mesas do seminário contemplaram diferentes esferas das políticas públicas, tomando como ponto de partida o marcador racial e sua articulação com outros marcadores, principalmente gênero e sexualidade.

A partir desse breve histórico, podemos perceber

como as temáticas de gênero e sexualidade, apenas, não eram suficientes ao atuar na temática de direitos humanos, uma vez que, quando se parte de uma perspectiva da interseccionalidade (adotada pelo NUPSEX/CRDH no modo de refletir e realizar suas ações e pesquisas), é importante que se pense os diferentes marcadores sociais de forma a que nenhum possua um peso ou importância maior que o outro. Ou seja, ao falar de qualquer marcador social como gênero, sexualidade, raça, escolaridade, classe, etnia, geração e deficiência, é importante pensar como eles se articulam e produzem subjetividades.

Desafios e potência de atuar com/a partir das Interseccionalidades

Kimberlé Crenshaw (2004), pesquisadora norte-americana, é conhecida como a primeira teórica a apresentar uma teoria sociológica sobre a interseccionalidade, a partir dos marcadores de raça e gênero, no ano de 1989. Antes disso, o termo já era utilizado dentro da militância negra estadunidense. Crenshaw explica a questão das sobreposições dos marcadores em relação à proteção dos direitos humanos:

(...) significa que precisamos compreender que homens e mulheres podem experimentar situações de racismo de maneiras especificamente relacionadas ao seu gênero. As mulheres devem ser protegidas quando são vítimas de discriminação racial, da mesma maneira que os homens, e devem ser protegidas quando sofrem discriminação de gênero/racial de maneiras diferentes. Da mesma forma, quando mulheres negras sofrem discriminação de gênero, iguais às sofridas pelas mulheres dominantes, devem ser protegidas, assim quando experimentam discriminações raciais que as brancas frequentemente não experimentam. Esse é o desafio da interseccionalidade (2004, p.9).

Para Avtar Brah e Ann Phoenix (2004), o conceito de interseccionalidade significa poder dar visibilidade aos efeitos variados, os quais os múltiplos eixos de diferenciação se intersectam em contextos historicamente específicos. Isso significa que as diferentes dimensões da vida social

não podem ser separadas a padrões iguais. Dessa forma, o significado de “mulher”, por exemplo, dentro do debate do feminismo interseccional, deve considerar fatores econômicos, políticos, culturais, físicos, subjetivos e de experiência, podendo dar significados múltiplos para o que significa “ser mulher”. A partir dessas reflexões e de algumas reverberações do seminário no ano de 2016, surgiu a proposta, portanto, de pensar na temática das “mulheridades”, articulada com esses diferentes marcadores sociais, de forma a também discutir o conceito e sujeito “mulher” sem essencializar ou tomar enquanto dado. Justamente, colocar em discussão a pluralidade que emerge dessa categoria.

Ainda durante o Seminário de 2016, participantes apontaram sobre o fato dos eventos promovidos por universitários serem realizados, quase em sua totalidade, dentro da própria Universidade, restringindo o acesso da população da periferia e pessoas em vulnerabilidade, entre outros grupos que não circulam frequentemente por esse espaço. Além disso, esses públicos sequer estavam relacionados às redes pelas quais a divulgação do evento era propagada. Assim, a partir de reflexões de como a relação academia/periferia/movimentos sociais/políticas públicas parecia distante em muitos momentos, nas reuniões do CRDH se discutiu como fazer essa aproximação de maneira a contribuir para o debate de diferentes formas, sem polarizar essas realidades e localidades. Como uma primeira proposta, se pensou realizar em 2017, o habitual seminário fora dos espaços cercados pelos muros acadêmicos. Essa discussão fez o grupo pensar qual era a proposta do seminário e amadurecer a temática da Extensão em si. Qual o público que queremos atingir? Quem se interessa pela temática do seminário? O modelo de mesas-redondas abrange uma diversidade a qual estamos propondo?

Esse debate nos coloca a pensar a diretriz dos Direitos Humanos aliada à extensão universitária. A educação em Direitos Humanos na universidade, como propõe Maria Zenaide (2003) é

uma ação recente, oriunda do momento pós-ditadura militar, sendo a universidade pública brasileira um espaço de exercício da educação em prol da conquista da democracia. Por esse motivo, é quase impossível dissociar a interface dos Direitos Humanos dentro da universidade, com o campo de ação política e movimentos sociais. Dessa forma, realizando o que se propõe a extensão universitária, através de projetos que sejam voltados para comunidades populares, escolas de rede pública, universitários e órgãos de segurança e justiça que dialogam com a proposta do seminário.

A partir dessa relação Extensão/Universidade e como esta de fato dialoga com as populações as quais se propõe, o coletivo pensou num primeiro momento em fazer a atividade em algum espaço na periferia de Porto Alegre, tendo referência se possível num centro comunitário. Consideramos que um espaço não central poderia dificultar o acesso de pessoas acadêmicas e de outros possíveis interessados que moram em lados opostos da cidade, além de o horário do seminário continuar sendo comercial, impedindo que pessoas que trabalhem possam acessar o evento.

Para dar conta dessa inquietação, nesse ano, como uma primeira experiência propusemos a inserção de oficinas mediadas por outros coletivos, além das mesas redondas. Com isso, poderíamos quebrar o padrão acadêmico de mesas-redondas e ainda, possibilitar às pessoas que estão ocupadas no período comercial pudessem participar do evento de alguma forma. Assim, no sábado anterior ao início do seminário, nos encontramos no Instituto de Psicologia com duas propostas: 1) oficina de teatro com o grupo Levanta Favela. Essa oficina trouxe exercícios livres para mexer o corpo e trabalhar com o improviso, além de potencializar um espaço potente de trocas entre mulheres. A atividade se encerrou com uma dramatização sobre ser mulher, que trouxe a temática do abuso, das mulheres negras e da construção social de papéis de gênero; 2) oficina “Mulheridades: vivências interseccionais”,

mediada por integrantes da ONG THEMIS - Gênero, Justiça e Direitos Humanos – em que as mulheres falaram sobre suas trajetórias e experiências de fortalecimento a partir da potência desse encontro.

Ao formular o nosso material de divulgação, pensamos em como corresponder à interseccionalidade que estávamos propondo. Por isso, o centro do cartaz é de uma mulher negra, questionando o fato de que quando se fala em “mulher”, se supõe ou se espera a imagem de uma mulher branca, como se representasse uma suposta neutralidade. Ao fundo, é possível observar imagens de diferentes territórios, do campo e da cidade, que fala sobre quais espaços as mulheres têm ocupado e resistido. Ainda, com a bandeira do transfeminismo, o material fala da perspectiva que o CRDH/NUPSEX propõe, que é de enxergar o ser mulher dentro de sua pluralidade referente aos marcadores de sexo e gênero (Figura 2).



Figura 2 - Cartaz de divulgação. Crédito: Perseu Pereira

Da mesma forma, essa foi a primeira edição do seminário em que o marcador “deficiência” teve visibilidade. Buscamos que os modos de acessibilidade fossem um tema presente nas mesas, ao passo que tentamos ampliar o acesso aos diferentes copos no seminário. Para efetivar a acessibilidade ao evento, contatamos o Incluir – Núcleo de Inclusão e Acessibilidade da UFRGS, que nos auxiliou com a descrição da imagem do cartaz de divulgação, disponibilização de tradutor-intérprete de Libras (caso fosse solicitado por algum participante), além de instruções sobre reservar salas acessíveis (com rampas, em edifícios com elevador ou no térreo) e como repensar a produção de materiais e meios de divulgação de nossos eventos. Tendo em vista o curto período para produção do material de divulgação desde quando tais questões foram problematizadas no CRDH/NUPSEX, julgamos ter dado alguns passos na promoção de um evento mais acessível, mas ainda há muitas barreiras a serem transpostas nos meios e materiais de divulgação, nas temáticas, nos convites realizados para que a acessibilidade seja aprimorada.

Mulheridades em debate: diversidades e seus territórios

No ano de 2017, com o subtítulo “Diálogos Interseccionais e Mulheridades: Políticas de Educação, Saúde, Segurança e Território”, o seminário teve como principal objetivo discutir as políticas públicas dirigidas às mulheres, a partir de uma perspectiva interseccional onde os marcadores sociais de gênero, sexualidade, classe e raça apareceram atravessados de forma plural às diferentes mesas de debate e também às oficinas oferecidas. Mulheres negras, trans, lésbicas, da periferia, que participam de ocupações, prostitutas, que vivem na rua e com deficiências, foram o foco deste seminário, o qual oportunizou a elas visibilidade, espaços de fala, compartilhamento de experiências e troca de saberes.

Na abertura do VII Seminário, realizada por Henrique Nardi (Diretor do Instituto de Psicologia e Coordenador do CRDH/NUPSEX), Paula Sandrine Machado (coordenadora do CRDH/NUPSEX) e Gisele de Mozzi (integrante do CRDH/NUPSEX e representante da organização desse seminário), foi apresentado o Centro de Referência em Direitos Humanos, Relações de Gênero, Diversidade Sexual e Raça vinculado ao Núcleo de Pesquisa em Sexualidade e Relações de Gênero (CRDH/NUPSEX), o histórico dos Seminários e a proposta e expectativas para essa edição.

A primeira mesa, intitulada “Trajetórias e perspectivas: mulheres e seus territórios”, contou com a participação de Monique Prada, Vice-Presidente da Central Única de Trabalhadoras Sexuais (CUTS), Kate Lima, Militante do Coletivo Indígena da UFRGS e Natália Salau Jobim, coordenadora da Ocupação Mulheres Mirabal. Na mesa, foi colocado em debate como mulheres, em seus diferentes territórios, dialogam com situações de vulnerabilidade e violências, mas, ao mesmo tempo, propõem estratégias potentes que buscam dar conta dessas demandas.

No turno da tarde, “Mulheres e saúde em pluralidades”, mesa composta por Anahí Guedes de Melo, doutoranda do Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades – NIGS/ UFSC, Iyá Sandrali de Oxum, Iyalorixá, Psicóloga, Secretária Executiva do Conselho do Povo de Terreiro/RS, Alessandra Greff, trabalhadora da área da saúde e Daiana Santos, Educadora Social, militante e estudante de saúde coletiva, colocaram em questão a ótica de que “saúde da mulher” está relacionada necessariamente à saúde reprodutiva, apresentando outras preocupações, especialmente questões relacionadas à deficiência e à raça. No final do primeiro dia, houve um espetáculo com o grupo Levanta Favela, “A mulher crucificada”, a qual articulou temáticas abordadas nas mesas, como violência de gênero, machismo e racismo.

No segundo dia dedicado às mesas temáticas, a manhã iniciou com uma apresentação de um minidocumentário a respeito da Vila Dique. Em seguida veio a fala de Cecília Richter, trabalhadora do Ação Rua e militante do Movimento Nacional da População de Rua, Valquíria da Silva, Aurea Ferreira, Alessandra Alves, moradoras de rua e militantes do Movimento Nacional da População de Rua, Marcelly Malta da ONG Igualdade RS – Associação de Travestis e Transexuais do Rio Grande do Sul, e Guaneci Ávila da ONG THEMIS – Gênero, Justiça e Direitos Humanos, que compuseram a mesa “Estratégias e perspectivas de luta: mulheres e o Estado”. O debate trouxe a relação das mulheres com o Estado, especialmente no trato de práticas violentas e abusivas, e quais as estratégias que têm se pautado como forma de enfrentamento à violência contra a mulher.

No turno da tarde, a mesa “Mulheres e experiências na educação como resistência”, contou com a presença de Kassiele Nascimento, do Movimento Balanta da UFRGS, Priscila Fróes, do TRANSENem, Luciana Soares, Professora e Comunicadora da Rádio Voz do Morro, e Profana Santos, mulher negra afro-religiosa, graduanda em Ciências Sociais. A partir de relatos localizados de experiências que vão além de um ensino formal, ficou a reflexão de que pode se pensar a educação como uma estratégia de resistência. A atividade de encerramento foi realizada com a performance: Id.Percursos, da pesquisadora/artista Rita Rosa Lende, cuja proposta coloca em voga a questão da construção de identidade da mulher negra brasileira e latino-americana, sob sua lente, narrativa e lugar de percepção pessoal/social a partir de dispositivos históricos nos fatores racismo, machismo, sexismo, misoginia, relações de afeto e classe. Atualmente desenvolve seus trabalhos e pesquisas em dança e performance em diversas linguagens das corporalidades negras contemporâneas, transversais a algumas vertentes tradicionais de Matriz Africana e Afro-brasileira entre outras práticas em dança. Sua pesquisa aponta para as relações étnico-raciais, de gênero,

sexualidade e classe, sob a perspectiva das artes cênicas performativas e contra-hegemônicas. Graduada em Dança pela UERGS e mestranda em artes cênicas pela UFRGS. Pesquisadora, coreógrafa, idealizadora da SEMA (Semente Atlântica) de pesquisa, produção e desenvolvimento contra-narrativo/hegemônico em dança, performance e expressividade para uma dança consciente. Dramaturga da pesquisa/dispositivo Id.Percursos (2018) em curso e coordenadora do Seminário de Dança Afro do Rio Grande do Sul em curso. (Figura 1 - Participantes da mesa “Mulheres e experiências na educação como resistência” – ver imagem de abertura do artigo e Figura 3 - Performance: Id.Percursos da pesquisadora/artista Rita Rosa Lende. Fonte: Equipe CRDH/NUPSEX).



Figura 3 - Fonte: CRDH/NUPSEX

As falas das convidadas reiteraram a urgência de se implementar nas políticas públicas, ações, serviços e recursos que contemplem a multiplicidade das necessidades das mais variadas mulheres, por exemplo, de espaços seguros para mulheres que sofreram violência doméstica, o acolhimento respeitoso àquelas que estão em

situação de rua. Quando não supridas totalmente ou parcialmente pelo Estado, o engajamento nessas questões são elementos capazes de unir pessoas diferentes na invenção de estratégias de resistência e existência. Incluindo a reivindicação coletiva pela efetivação desses direitos.

Continuidades

Como projeto de Extensão da UFRGS, o CRDH tem o compromisso de utilizar os conhecimentos promovidos por esta instituição de ensino, a serviço da comunidade. Através do tripé ensino, pesquisa e extensão, o Centro realiza a ação devolutiva para a promoção de direitos humanos. Dessa forma, além de ações como o seminário, são propostas a realização da formação de diversos públicos sobre as questões de relações raciais, gênero e sexualidade, bem como o combate à violência contra a mulher. Outro foco do Programa é a relação com a Rede Pública de Atenção. Desta forma, estamos estabelecendo uma parceria com a assistência social do Município de Porto Alegre, visto que o CRDH desenvolve junto às instituições de acolhimento de jovens em medidas socioeducativas, formações sobre as temáticas em torno dos direitos humanos, relações raciais, de gênero e diversidade sexual. Como método pedagógico, utilizamos propostas motivadoras de ensino-aprendizagem, que partem do diálogo entre os profissionais da assistência e a comunidade em medida socioeducativa, criando assim um espaço de troca sobre suas experiências com as questões de raça, gênero e sexualidade, a fim de fomentar a

reflexão e o debate das temáticas entre os usuários e profissionais da assistência social e assim, a transformação da realidade social.

Para dar continuidade às diferentes temáticas que foram discutidas no seminário, além de firmar a todo o momento a relação de Extensão da Universidade com os movimentos sociais e regiões periféricas e populares, estamos construindo oficinas temáticas que dialogam com o trabalho desenvolvido através da pesquisa, ensino e extensão. Entretanto, a relação entre a instituição de ensino e os projetos de extensão, deve ser constantemente debatida, questionada, uma vez que não estão “dadas” como óbvias muitas das interlocuções possíveis da extensão. Faz-se necessário um trabalho constante de diálogo. Sobretudo, através desses encontros, percebemos emergir tensionamentos que nos fazem repensar estratégias de articular os marcadores de diferença em nossas ações.

Acreditamos que tanto as temáticas enfatizadas a cada ano através destas edições quanto a modificação na estrutura dos seminários expõem o processo de discussão teórica em nosso grupo, que é sempre articulada com as vivências nas ações de Extensão. Ou seja, os eventos são reverberações das temáticas que o grupo passa a debater, influenciadas, também, pelo contexto sócio-político que nos circunda, especialmente, no que tange aos Direitos Humanos. E nesse ponto é que enxergamos a potência de ações como o seminário, que envolve a política atravessada a todo o momento com a discussão acadêmica, relação essa que deve estar em constante afirmação e questionamento. ◀

REFERÊNCIAS

CRENSHAW, Kimberlé. A interseccionalidade da discriminação de raça e gênero. 2002. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/fdh/wp-content/uploads/2012/09/Kimberle-Crenshaw.pdf>>. Acesso em: 05 de set de 2017.
Cruzamento: raça e gênero. Brasília: Unifem, p.7-16, 2004.

BRAH, Avtar; PHOENIX, Ann. Ain't I A Woman? Revisiting Intersectionality. *Journal of International Women's Studies*, v.5, n.3, p.75-86, 2004.

ZENAIDE, Maria de Nazaré T. Direitos Humanos e Extensão Universitária: A Atuação do Fórum Nacional de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. In: **I Congresso Nacional de Extensão**, 1, 2002, João Pessoa. Anais. João Pessoa: EDUFPA, 2003. p.1-13..



Figura 1 - Extensionista, professor e atletas do Projeto EsportivaMente
Fonte: Acervo pessoal dos autores

EsportivaMente: Introdução à Psicologia do Esporte em uma Academia de Taekwondo em Porto Alegre

Angelo Brandelli Costa: Psicologia - PUCRS

Sérgio Moller Júnior: Professor - Academia Oriente

Acadêmicos de Psicologia - PUCRS: Tiago Soares do Canto e Helena Santos Guido

O Projeto de Extensão EsportivaMente é uma ação do grupo PET (Programa de Educação Tutorial) do curso de Psicologia da Escola de Ciências da Saúde da PUCRS (Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul), em parceria com a Academia Oriente de Taekwondo, ambos situados

na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Este projeto teve início em 2017, sob orientação do Professor Ângelo Brandelli Costa, tutor do Grupo PET Psicologia. O projeto teve a supervisão de Sérgio Moller Júnior, Educador Físico e professor na Academia Oriente, bem como do bolsista Tiago Soares do Canto, graduando em

Psicologia e aluno do grupo PET, que atuou como organizador e facilitador dos encontros. Essa atividade também se articula com uma pesquisa em andamento, de mesmo nome, o Projeto de Pesquisa Esportivamente, integrando os eixos de pesquisa e extensão, uma das prerrogativas de atuação dos Grupos PET.

O projeto busca inserir a Psicologia do Esporte no contexto da prática esportiva enquanto lazer - com o instrutor e alunos de Taekwondo em encontros semanais, com duração de quarenta minutos. Os encontros, ministrados pelo bolsista de Psicologia, tiveram a apresentação do Grupo PET e da Própria Psicologia do Esporte, e técnicas cognitivas e comportamentais que podem auxiliar os esportistas a praticarem esta arte marcial de modo a terem o máximo de bem-estar e qualidade de vida.

A Academia Oriente de Taekwondo se apresenta como um ambiente não-competitivo que procura acolher as diferenças, tendo praticantes de diversas camadas sociais, gêneros, etnia e idades diferentes praticando o esporte em conjunto. Embora não seja um projeto beneficente, possui na mesma aula crianças, idosos, homens e mulheres. Diferente de outros locais onde se praticam esportes de alto desempenho, a Academia Oriente não estimula seus alunos a participarem de competições esportivas, embora não os proíba. Ainda que possua este viés de cooperação, o instrutor do local observou que demandas como ansiedade e frustrações com os desafios do cotidiano da prática de uma arte marcial poderiam ser mais bem trabalhadas pela Psicologia do Esporte, já que, segundo Weinberg (2008), essa metodologia não deve ser aplicada apenas em atletas de alto-rendimento, mas qualquer prática esportiva ou atividades físicas podem se beneficiar da mesma.

Assim surgiu a iniciativa do Grupo PET para desenvolver o projeto no local com a ideia de que as intervenções realizadas com atletas em esportes de alto rendimento, poderiam ser utilizadas para gerar benefícios às pessoas que praticam o esporte

apenas por lazer.

A inserção

A atividade se deu inicialmente através de uma inserção ecológica, que segundo Cecconello e Koller (2003), consiste em vivências no local realizando atividades próximo à comunidade, em uma observação ativa que permite aprofundar-se no contexto. Por isso, visitas semanais foram realizadas na Academia Oriente para observar as aulas e manter contatos com os alunos, durante três meses.

Após esse período, foi realizada a apresentação do projeto. O bolsista, no primeiro encontro, explicou as origens da Psicologia do Esporte, deixando sempre claro o quanto o praticante não-atleta pode se beneficiar das atividades e intervenções, mesmo sem possuir objetivos de competição esportiva. Também contou sobre sua própria prática de Taekwondo na infância, bem como seu interesse em unir as duas áreas. A partir daí, foram citadas diversas demandas em que a Psicologia do Esporte poderia ajudar os praticantes a obterem maiores benefícios, como o controle da ansiedade, o treino para aumentar a capacidade de concentração, a importância da motivação para a prática esportiva, a influência dos pensamentos sobre os comportamentos, bem como dos comportamentos sobre os pensamentos de cada esportista. A ideia do projeto foi explicada como uma iniciação à Psicologia do Esporte, deixando aberto o espaço para que mais módulos fossem aplicados nos meses seguintes.

Análise de necessidades e planejamento de ações

No encontro seguinte, foi realizado um questionário onde os praticantes poderiam escrever quais seriam as suas maiores demandas e questões que gostariam de trabalhar, de modo que a Psicologia pudesse se inserir em um projeto de construção

colaborativo a partir das necessidades dos próprios esportistas, em um trabalho horizontalizado. Após o preenchimento dos questionários, uma roda de conversa foi realizada para esclarecer dúvidas.

A partir da análise dos questionários, verificou-se que as duas principais demandas dos praticantes seriam melhorar seu foco/concentração nos treinos e o aumento da autoconfiança. Estes dados foram essenciais para que se pudesse elaborar um cronograma de ações com intervenções específicas da Psicologia do Esporte, a fim de atender a tais demandas.

Com esse estudo, foram elaboradas atividades baseadas no Princípio da Especificidade, que, segundo Dantas (1995), postula que todo treino deve preferencialmente contemplar cada uma das exigências específicas relacionadas ao desempenho esportivo que será executado no que diz respeito à qualidade física, à via energética utilizada, estrutura corporal envolvida e coordenação psicomotora que serão usadas no esporte propriamente dito.

Assim, quanto mais as intervenções da Psicologia do Esporte forem feitas dentro do contexto esportivo do Taekwondo, mais fácil será ao aluno incorporá-las, bem como ao instrutor inseri-las no cotidiano de treino dos alunos ao longo da semana seguinte, multiplicando a efetividade de cada intervenção.

Além disso, um dos objetivos da Psicologia do Esporte é propiciar que os treinadores e atletas também possam fazer uso destas técnicas na ausência do Psicólogo Esportivo, aumentando a sua autonomia, e deixando que novas demandas sejam objeto de estudo e intervenção deste profissional, visto que sempre surgirão questões a serem trabalhadas.

Para isso, o trabalho interdisciplinar foi fundamental: as intervenções eram discutidas com o professor para que fossem inseridas de maneira

mais eficaz dentro do contexto de treino do Taekwondo.

Dia 1: psicoeducação sobre pensamentos automáticos

No primeiro encontro destinado às atividades, foi feita uma palestra focando na psicoeducação sobre nossos pensamentos automáticos e nossas crenças sobre nós mesmos, e de que maneira essas crenças influenciam no contexto da prática esportiva. Segundo Beck (2001), nossa interpretação das situações é mais decisiva que a situação em si. Como exemplo, foram mostradas falas positivas e negativas de atletas de alto rendimento em situações adversas. Além disso, os participantes receberam uma agenda, onde deveriam anotar algo de positivo sobre cada treino que fizeram ao longo da semana, de modo a construírem uma visão mais positiva de si mesmos no decorrer da extensão. Esta atividade tem como objetivo incrementar a autoconfiança, uma das demandas que surgiu no questionário aplicado anteriormente.



Figura 2 – Psicoeducação sobre pensamentos automáticos. Fonte: Acervo pessoal dos autores

Dia 2: treinamento cognitivo

Na semana seguinte, no segundo encontro de intervenções propriamente ditas, a turma de nove alunos foi dividida em três grupos. Em uma série de slides, foram mostradas frases negativas, de autocrítica exagerada, relacionadas ao contexto

esportivo do Taekwondo. Exemplos de falas como “meu chute não está alto o suficiente”, ou “minha técnica é pior que a do meu colega”, ou “nunca vou evoluir.”, foram mostradas para eles. Em seguida, foi pedido que cada grupo reformulasse as frases de maneira mais positiva e simples possível. Os três grupos refizeram cada uma das frases após um debate entre eles, e expuseram suas reformulações ao grande grupo. A partir daí, foi realizada uma conversa sobre como os pensamentos podem ser sabotadores durante a prática do esporte, sobre como precisamos estar atentos a eles e como esta ferramenta de reformulação das falas pode ajudar a cada praticante sempre que um pensamento sabotador surgir. O uso de falas positivas foi sugerido no intuito de suprir a demanda de baixa autoconfiança que surgiu na avaliação prévia.

Dia 3: Intervenção comportamental

Seguindo uma das demandas observadas no questionário, que apontou para a necessidade de maior foco e concentração durante os treinos, foi sugerido um exercício dentro do contexto de simulação de luta sem contato, uma prática comum dos atletas de Taekwondo da Oriente Academia.

Neste exercício, para aumentar a consciência sobre o oponente, cada um desferiu um chute por vez, e o atleta deve verbalizar qual a técnica de chute utilizada pelo seu adversário. Em seguida, este mesmo atleta deve repetir o mesmo movimento de chute para fixar. Isso porque, segundo Solso (1995), “a atenção pode ser considerada mais amplamente como a concentração de esforço mental sobre eventos sensoriais ou mentais”. Desta forma, ao verbalizar, e em seguida mimetizar o movimento do adversário, o atleta aumenta seu foco consideravelmente, pois precisa observar exatamente o que ele está fazendo e ainda pronunciar o nome do golpe efetuado.

No exercício seguinte, os alunos deviam falar

com qual perna o adversário chutou, mencionando apenas “direita” e “esquerda”, usando o mesmo princípio de unir cognição e movimento. Após o exercício, um debate sobre o mesmo foi realizado, onde os alunos relataram frases como: Aluno 1: “é exatamente o que eu sinto na luta em competição!”; Aluno 2: “acho que tive maior consciência do que eu estou fazendo!”; e Aluno 3: “é bem difícil, mas é legal!”.

Dia 4: Autoconsciência

Seguindo a mesma linha do exercício da semana anterior, os alunos foram instruídos a focar em si mesmos. Utilizando-se da particularidade de o Taekwondo ser uma arte marcial onde a base ou posição dos pés varia o tempo todo ao longo de uma simulação de luta, variando entre a perna esquerda ou direita atrás, foi sugerida a atividade onde cada aluno deveria dizer qual das suas próprias pernas estava atrás, falando em voz alta “direita!” ou “esquerda!”. Além disso, existe no Taekwondo o conceito de base “aberta” e “fechada”, que diz respeito ao momento em que ambos os lutadores colocam ou não, a mesma perna na frente em suas bases. A partir disso, em uma simulação de luta, os alunos devem verbalizar as palavras “aberta” ou “fechada” durante a simulação de combate. Esta foi uma maneira de integrar a consciência sobre si mesmos e os oponentes em um nível mais elevado, que consolidasse suas capacidades de foco e concentração.

Dia 5: acuidade visual

Segundo Piras, Lobietti e Squatrito (2010), estratégias de busca visual influenciam o desempenho no esporte. Para trabalhar a valência da visão, foram sugeridos exercícios de Visão Periférica. Atuando em duplas, cada um segurando um alvo para o outro, os alunos deveriam, alternadamente, executar um chute frontal olhando para o lado, de modo a usar a visão periférica para enxergar o alvo. Este exercício foi feito com a intenção de

aumentar a visão geral dos oponentes, tornando mais fácil prever seus movimentos, o que geraria melhor desempenho em simulações de combate.

Dia 6: visual – continuação

Seguindo o mesmo princípio de uso da visão periférica, os alunos, em duplas, deveriam se posicionar um de costas para o outro. Ao sinal do instrutor, eles viravam de frente e tinham que identificar em seu campo de visão onde o colega colocou o alvo para chutarem. Desta forma, precisaram utilizar a visão periférica de modo a localizar o alvo o mais rápido possível, sem precisar direcionar a cabeça e o olhar.

Dia 7: sensorial

Nesse dia foi sugerido um exercício em duplas. Nele, sentados de frente um para o outro, cada aluno deveria usar os próprios pés descalços para segurar e passar uma garrafa plástica de água, de 500 ml, um para o outro. Uma maneira de aumentar a propriocepção que ao mesmo tempo, se tornou uma atividade de integração do grupo.

Em seguida, foi sugerido outro exercício sensorial, agora dentro do contexto esportivo específico. Também em duplas, um aluno deveria tocar com um bastão de espuma o colega que está de olhos fechados. Este, só ao sentir o toque, acertaria um alvo, de maneira a trabalhar sua habilidade sensorial para responder a ataques em um contexto de luta sem depender da visão. Como nos outros encontros, a roda de conversa se seguiu à atividade.

Dia 8: motivação

A autoeficácia, segundo Bandura (1997), trata-se de crenças relacionadas às capacidades para realizar uma atividade. O mesmo ocorre em atletas e praticantes de atividades físicas. Para

isso, foi proposta uma atividade onde cada aluno deveria bater seu próprio número de chutes ao alvo no período de um minuto. Primeiro, foi pedido apenas que fizessem o máximo de chutes em um minuto.

Em seguida, foi pedido que todos fizessem dez chutes a mais, no mesmo tempo de um minuto. Por fim, foi pedido que fizessem cinco chutes a mais do que na segunda tentativa. Todos conseguiram bater seus próprios recordes, e uma conversa foi feita sobre nossa capacidade de superação, mesmo quando sentimos que estamos no nosso limite físico e mental.

Também foi explicado que pesquisas com maratonistas indicaram que os mesmos são geralmente mais rápidos em seu último quilômetro de prova, o que sugere que o nosso cérebro envia sinais de esgotamento muito antes das vias energéticas terem realmente se esgotado. Além disso, segundo Weinberg (2001), competir contra si mesmo é menos frustrante. Por isso, bater seus próprios recordes não só aumenta a autoconfiança como coloca o foco na superação de si, sem competir com outros.

Dia 9: mindfulness

No penúltimo dia de encontro, foi realizada uma atividade de *mindfulness* com os atletas. Segundo Kabat-Zinn (1990), o *mindfulness* é uma prática de concentração ou atenção plena, que foca no instante presente, intencionalmente e sem julgamento. Este recurso terapêutico tem sido utilizado cada vez mais no âmbito da Psicologia do Esporte para auxiliar na concentração dos atletas durante suas performances.

Sentados em posição de meditação, os alunos foram convidados a fechar os olhos e cheirar um chocolate sem comer. Após, deveriam relatar suas sensações. Em seguida, foram convidados a colocar o chocolate na boca por um minuto sem engolir. Depois disso, cada um deu seu relato

sobre a experiência.

O facilitador falou sobre a importância de estar no momento presente e sentir cada atividade que se realiza, seja na academia ou no dia-a-dia. Por fim, convidou a todos para fecharem os olhos e foi guiando os alunos para que tentassem sentir cada parte dos seus próprios corpos.

Novamente, o grupo relatou suas facilidades e dificuldades que tiveram durante a atividade proposta.

da voz do facilitador. Em um segundo momento, é pedido que visualizem um golpe de sua escolha, desta vez sem orientação por voz. O objetivo é primeiro treinar a visualização em si, para somente depois executarem a técnica.

Em uma discussão, os alunos relatam que é mais fácil visualizar se guiando pela voz do facilitador. Também relatam que, se imaginar em primeira pessoa às vezes é mais difícil do que imaginar alguém em terceira pessoa executando um movimento.



Figura 3 – prática de *mindfulness*. Fonte: Acervo pessoal dos autores

Dia 10: introdução ao conceito de visualização

No último dia, foi feita uma introdução à visualização, já que seriam necessárias mais sessões para fixar a técnica. Nesta atividade, os alunos visualizam os golpes que correspondem às suas graduações por várias vezes. Primeiro, é feita a técnica de visualização com todos os alunos sentados em roda, de olhos fechados. A condução das imagens a serem visualizadas é feita através

Dia 11: seminário de comunicação não-violenta para instrutores

Após os encontros com o grupo de alunos, foi realizado um encontro com o instrutor para falar sobre comunicação não-violenta. Embora a forma de comunicação não fosse a demanda inicial da atividade, o próprio instrutor se mostrou bastante interessado em receber materiais específicos que pudessem auxiliá-lo na sua atividade. Nesse dia, conceitos como a “técnica sanduíche”, em que você faz um elogio ao esforço antes de uma correção, foram explicados de modo a facilitar a comunicação do professor com os alunos.



Figura 4 – Extensionista Tiago Canto e o professor Sérgio Moeller da Academia Oriente

Conclusões

As conclusões sobre a atividade de Extensão PET-EsportivaMente perpassam as próprias conclusões do grupo de trabalho, uma vez que debater cada atividade sempre foi uma das premissas deste Projeto de Extensão, tanto previamente com o instrutor de Taekwondo como com os alunos, após cada trabalho.

Sendo assim, é importante relatar os resultados que os próprios alunos trouxeram em um debate final sobre a Extensão. Em uma roda de conversa no último dia, os praticantes ofereceram suas impressões sobre o programa de Introdução à Psicologia do Esporte. As impressões positivas foram gerais. Relatam preferência pelas aulas que foram divididas em parte teórica e prática,

em relação a aulas restritas apenas a uma das modalidades.

Entre as atividades favoritas, a aula em que foram desafiados a superar seus próprios records foi a mais citada, sendo que os alunos confirmaram que se sentiram mais capazes depois dela.

O relato sobre o aumento da autoeficácia demonstra um bom caminho rumo à demanda inicial de elevar a autoconfiança dos praticantes de Taekwondo.

O professor relatou ser o maior beneficiado, já que poderia introduzir muitos destes conceitos no cotidiano das suas aulas. O bolsista e graduando em Psicologia é obrigado a discordar, já que acredita ele mesmo ter sido o maior beneficiado ao poder exercer sua autonomia, ao preparar e ministrar as atividades, estendendo o conhecimento adquirido na universidade para comunidade, tendo a oportunidade de incrementar seu conhecimento para embasar cada trabalho e, mais do que tudo, aprofundar o contato humano com pessoas tão diversas dentro do mesmo ambiente esportivo.

Desta forma, a comunidade em geral pode se beneficiar das práticas esportivas sem o elemento da competição, o que possibilita o esporte como um hábito saudável e fonte de bem-estar. ◀

REFERÊNCIAS

- BANDURA, A. **Guide for creating self-efficacy scales**. In F. Pajares, & T. Urdan (Eds.), *Self-efficacy beliefs of adolescents* (pp. 307-338). Greenwich: Information Age Publishing, 2006.
- CECCONELLO, A. M. & KOLLER, S. H. Inserção ecológica na comunidade: Uma proposta metodológica para o estudo de famílias em situação de risco. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 16(3), 515-524. 2003.
- DANTAS, Estélio H. M. **A Prática da Preparação Física**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Shape, 1995.
- KABAT-ZINN, J. **Full Catastrophe Living: Using the wisdom of your body and mind to face stress, pain, and illness**. New York: Delta, 1990.
- PIRAS, AI.; LOBIETTI, R.; SQUATRITO, S. **A study of saccadic eye movement dynamics in volleyball: comparison between athletes and non-athletes**. 2010. <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pubmed/20308980>
- SOLSO, R.L. **Cognitive psychology**. 4th ed. Boston: Allyn & Bacon, 1995.
- WEINBERG, R. S.; GOULD, D. **Fundamentos da psicologia do esporte e do exercício**. Porto Alegre: Artmed, 2001.



O projeto “Sensibilizarte” aplicado a crianças vítimas de escarpelamento na Amazônia

Marcelo José Ferreira Silva: Medicina - UFPA
Acadêmicas de Medicina UFPA: Fernanda Catharina Pires da Trindade,
Maria Luíza Alves Cobiniano de Melo, Aline Kellen da Silva Salgado

Introdução

Segundo Lira (2016), na região amazônica, devido à sua vasta extensão hidrográfica, as comunidades ribeirinhas utilizam os rios como a principal via de circulação através das embarcações para estabelecer relações sociais rotineiras e desenvolver atividades

produtivas mediante a pesca e o transporte de mercadorias.

A Capitania dos Portos da Amazônia Oriental descreve a falta de segurança nas embarcações fiscalizadas como uma situação que ocorre com

frequência nos nossos rios amazônicos, contribuindo para o aumento do risco de acidentes entre as próprias embarcações, passageiros e tripulantes. Além disso, revela que o escarpelamento é o acidente mais frequente na Amazônia. (HAMMAD-COUTO, 2016).

O escarpelamento é um acidente grave no qual ocorre avulsão do couro cabeludo e que pode ser causado por traumas, queimaduras, infecções, retiradas cirúrgicas de tumores e lesões congênitas, acarretando às vítimas sequelas físicas, emocionais e sociais (SANTOS 2015).

Segundo Hammad-Couto (2016), na Amazônia, este acidente acontece usualmente quando as vítimas, principalmente mulheres e crianças, têm seus cabelos repentinamente puxados pelo eixo do motor de embarcações, arrancando bruscamente todo ou parte do couro cabeludo da vítima e, em algumas situações, orelhas, sobrancelhas, pele do rosto e pescoço, desencadeando deformações graves e até mesmo o óbito.

Segundo Rodrigues (2015), o conceito de promoção da saúde estabeleceu-se como uma promissora proposta em ciências da saúde, por relacionar suas ações ao conceito ampliado de saúde, articular os conhecimentos científicos e empíricos e mobilizar recursos em ações interinstitucionais para produzir resolutividade.

De acordo com Marques (2016), a doença e a hospitalização afetam toda a família do paciente. Para a criança e o adolescente, tal momento pode tornar-se uma experiência traumatizante, visto que sofrem diversas mudanças e restrições no seu cotidiano, seja no ambiente familiar, escolar ou nas mais diversas relações sociais. Os pacientes são confrontados a vivenciar experiências novas e desconhecidas que geram sentimentos de diferentes ordens, como medo, raiva, insegurança e incertezas.

Neste cenário, o lúdico se apresenta como uma importante medida terapêutica, possibilitando

o reestabelecimento físico e emocional, por tornar a hospitalização menos traumatizante. Tal ferramenta ainda auxilia na redução da tensão, raiva, frustração, conflito e ansiedade, além de funcionar como um elo entre o paciente e o profissional, o que pode facilitar o alcance dos objetivos terapêuticos.

Ademais, o papel do lúdico envolve cuidados que minimizem os efeitos da hospitalização, atuando como um verdadeiro potencializador no processo de adaptação, enfrentamento do processo de saúde-doença e hospitalização dos pacientes pediátricos, através da descontração e a formação de um ambiente mais agradável, favorecendo a interação entre o profissional, a criança, o adolescente e sua família (MARQUES, 2016).

Portanto, ficam evidenciados os benefícios das atividades lúdicas no âmbito da pediatria, no sentido de melhorar o enfrentamento da doença e da hospitalização, favorecendo também o vínculo entre a criança, adolescente, família e equipe de saúde.

Neste contexto, o Sensibilizarte é um projeto de Extensão realizado no norte do país, no qual foram utilizados meios artísticos como instrumentos de humanização e melhor aceitação aos tratamentos hospitalares. O presente projeto abrange quatro frentes: contação de histórias, artesanato, palhaço e musicoterapia. As últimas ações foram realizadas com vítimas de escarpelamento, visando uma realidade de saúde pública própria da Amazônia.

Metodologia e Discussão

Reconhecer as atividades lúdicas como elementos repletos de diversidade, compostas por particularidades culturais, ainda é um grande desafio. A imaginação e criatividade estão vinculadas às brincadeiras que cercam as crianças, sendo a imaginação o resultado de sua realidade (SILVA, 2017). Para Ferreira et al (2015), a hospitalização

de crianças é um processo que envolve tristeza e dor, sendo estes consequência do distanciamento domiciliar e de seu cotidiano. Além do mais, os hospitais estão relacionados com um ambiente técnico, onde muitas vezes almejam apenas o restabelecimento da saúde física dos pacientes (Bataglion & Marinho, 2016)

O projeto Sensibilizarte, com os objetivos de melhorar a autoestima das vítimas de escarpelamento e de aumentar a adesão e resposta terapêutica, foi fundamentado primeiramente em leituras e levantamento bibliográfico sobre a temática. Logo após, foi realizada uma reunião com os coordenadores do projeto para a seleção e elaboração das atividades lúdicas abordadas. Visto que, para Silva et al (2017), a ação de brincar compõe o universo infantil e, por isso, tal

ato deve ser considerado imprescindível para o desenvolvimento da criança em todas as fases de vida. Ademais, o estímulo lúdico é essencial para a recuperação de crianças em acompanhamento terapêutico (Bataglion & Marinho, 2016).

A divulgação do projeto, realizada a partir de redes sociais da IFMSA Brazil UFPA, expôs o período para capacitação teórico-prática, as datas e locais estabelecidos para a realização das atividades. Em seguida, a capacitação dos coordenadores e demais acadêmicos de Medicina, administrada por uma terapeuta ocupacional, auxiliou na formação dos participantes. Durante esse processo, foi trabalhado o impacto do escarpelamento na saúde pública da região amazônica, além de abordar a importância de práticas lúdicas no processo de recuperação de pacientes, o que



Figura 1 - Fonte: Divulgação do projeto, 2016

inclui histórias, músicas e metodologias artísticas.

Segundo Cecchetto et al (2017), as atividades lúdicas sobre saúde são ferramentas que facilitam a troca de experiências e de conhecimento, estimulando a criança a cuidar de sua própria saúde. Desse modo, o projeto contou com metodologia dividida em quatro frentes de ação, incluindo a contação de histórias, produção de artesanatos, palhaço e musicoterapia.

Palhaçoterapia

A palhaçoterapia, uma das dinâmicas mais animadas, foi desenvolvida com a participação dos acadêmicos de medicina e voluntários da Fundação Santa Casa de Misericórdia do Pará. Os membros da atividade dispuseram de vestimenta e maquiagem para criar um ambiente mais alegre, assim como piadas, improvisações e brincadeiras que auxiliaram na formação do vínculo inicial.

Como citado por Bataglion e Marinho (2016), o lúdico é uma ferramenta com grande potencial para concretizar os pressupostos do Programa Nacional de Humanização da Assistência Hospitalar (PNHAH), o que interfere positivamente

no contexto vivido pelos pacientes, familiares e profissionais da saúde. Por isso, a palhaçoterapia estimulou a participação dos pacientes em todo o seu processo, estando os voluntários como instrumentos de provocação de suas criatividade, sendo um momento de valorização do ser criança e do sorrir.

Contação de Histórias e Artesanototerapia

A assistência pedagógica prestada pelos hospitais deve auxiliar na formação educacional de crianças e adolescentes em processo de recuperação, sendo uma iniciativa fundamental para a humanização e a integralidade do cuidado (FERREIRA, 2015). Portanto, no âmbito de contação de histórias foi valorizada a participação e a emoção.

Na primeira dinâmica, estimulou-se a narração, real ou fictícia, com dinâmicas que incentivaram o compartilhamento de experiências entre os membros, sendo o cordel um veículo que possibilitou uma maior intimidade entre os voluntários e participantes.

Os “cartões postais” componentes da segunda dinâmica foram ferramentas que incentivaram a liberdade de pensamentos e a expressão de



Figura 2
Fonte: Divulgação do projeto, 2016

sentimentos. A produção dos cartões foi realizada por meio de materiais escolares adquiridos para o exercício e, no final de sua elaboração, cada participante poderia guardá-lo como recordação da atividade.

Nas atividades de artesanoterapia também houve estímulo do lado artístico das crianças, de modo a incentivar o desenvolvimento de atividades motoras, bem como a descoberta de talentos ou passatempos. Vale lembrar, que muitas vezes, os desenhos e artes desenvolvidos representaram sonhos de infância ou mesmo situações vividas pelos pacientes, o que foi de grande valia para extravasamento de sentimentos.

Musicoterapia

Em estudo realizado por Franzo (2016), a musicoterapia em medicina é uma técnica terapêutica de uso para prevenção, reabilitação e tratamento de um indivíduo ou grupo de indivíduos, sendo comprovado o impacto positivo no estímulo à comunicação verbal e não verbal, bem como no incentivo a interação social de crianças autistas assistidas por equipe de enfermagem, na cidade de Florianópolis, Santa Catarina.

Segundo Bataglioni e Marinho (2016), os familiares de crianças em processo de reabilitação afirmaram melhorias diante de atividades lúdicas

desenvolvidas durante esse difícil processo, estando estes relacionados com aspectos motores, habilidades de comunicação e sociais. Assim, a musicoterapia do Sensibilizarte foi composta por uma "playlist" previamente formulada com a colaboração dos participantes do projeto.

Com o recurso de um violão, o acompanhamento por voz se pretendia ser feito por todos os participantes do projeto, os alunos e as crianças. Essa frente de ação acompanhou todas as outras dinâmicas das demais terapias. Mas, antes disso, algumas músicas puderam ser tocadas. Na segunda entrada da musicoterapia, já no Espaço Acolher, o único fator divergente do planejamento foi o fato de as músicas tocadas serem a gosto das participantes do projeto do Espaço. Assim que as dinâmicas da contação de história cessaram, a música pôde realizar a sua função, seu objetivo no projeto com sucesso. E assim, as atividades foram realizadas com muita

gratidão por parte das pacientes e dos alunos, trazendo um ganho bilateral.

Conclusão

O Sensibilizarte inseriu o acadêmico de medicina na realidade de saúde pública regional, possibilitando a experiência no cuidado em saúde por meio das frentes de atuação e a visualização da aplicabilidade prática da Política Nacional de Humanização. Isso permitiu uma relação estudante-paciente mais empática, facilitando a adesão dos tratamentos hospitalares das vítimas de escarpelamento. ◀

REFERÊNCIAS

- LIRA, Talita de Melo; CHAVES, Maria do Perpétuo Socorro Rodrigues. Riverside communities in the Amazônia: sociocultural and political organization. *Interações (Campo Grande)*, v. 17, n. 1, p. 66-76, 2016.
- HAMAD-COUTO, Mayra Herminia Simões Farias. O papel de uma organização não- governamental no atendimento de vítimas de escarpelamento na Amazônia [The role of a nongovernmental organization in assisting victims of scalping in the Amazon]. *Amazônia, Organizações e Sustentabilidade*, v. 5, n. 2, p. 91-100, 2016.
- SANTOS, Paula Dayse Braga; FERREIRA, Laiana Soeiro. Terapia Ocupacional e a criança ribeirinha amazônica vítima de escarpelamento por eixo de motor de barco/Occupational Therapy and the amazon riverside child victim of scalping by motor boat shaft. *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, v. 23, n. 1, 2015.
- PAULA MARQUES, Elisandra et al. Lúdico no cuidado à criança e ao adolescente com câncer: perspectivas da equipe de enfermagem. *Escola Anna Nery*, v. 20, n. 3, 2016.
- RODRIGUES, Diogo Alves et al. Práticas educativas em saúde: o lúdico ensinando saúde para a vida. *Rev. Ciênc. Saúde Nova Esperança-Jun*, v. 13, n. 1, p. 84-89, 2015.
- FRANZOI, M.A.H; et al. *Intervenção Musical como Estratégia de Cuidado de Enfermagem a Crianças com Transtorno do Espectro do Autismo em um Centro De Atenção Psicossocial*. Texto contexto enferm. vol.25 no.1 Florianópolis 2016 Epub Mar 22, 2016
- FERREIRA, M. K. M; et al. *Criança e Adolescente Cronicamente Adoecidos e a Escolarização Durante a Internação Hospitalar*. Trab. Educ. Saúde, Rio de Janeiro, v. 13 n. 3, p. 639-655,set./dez. 2015
- BATAGLIONI, G. A; MARINHO, A. *Familiares de crianças com deficiência: percepções sobre atividades lúdicas na reabilitação*. Ciênc. saúde colet. 21 (10) Out 2016.
- CECCHETTO, F.H; et al. *Intervenções Lúdicas Aumentam o Conhecimento sobre Hábitos Saudáveis e Fatores de Risco Cardiovasculares em Crianças: Estudo Clínico Randomizado CARDIOKIDS*. Arq Bras Cardiol. 2017; 109(3):199-206
- SILVA, E. A. R. D; et al. *O Olhar de Crianças do CAPSi sobre as Relações do Cuidar e do Brincar*. Trends Psychol. vol.25 no.4 Ribeirão Preto Oct./Dec. 2017.



Figura 3 - Fonte: Divulgação do projeto, 2016



Foto: Momento de interação dos alunos participantes com a equipe de extensionistas do projeto MpME em atividade realizada no Planetário da UFRGS

Projeto de Extensão Inovadora MpME – Música Por Meios Eletrônicos

Eloi Fernando Fritsch: Departamento de Música - UFRGS

Peter Gossweiler: Artes Visuais - UFRGS

Alexandre Alves: Técnico em Manutenção de Áudio e Vídeo - UFRGS

Mozart Dutra: Técnico em Laboratório - UFRGS

Acadêmicos Bacharelado em Música: Felipe Dreyer, Luiz Oliveira

Introdução

O projeto MpME – Música por Meios Eletrônicos tem o objetivo de levar à comunidade o conhecimento produzido na Universidade, proporcionando a interação entre extensionistas e participantes através de atividades de educação não-formal. As atividades idealizadas buscam

despertar o interesse dos estudantes pela música e suas possibilidades. Muito da produção musical atual é composta por meios eletrônicos. Essa característica motivou a idealização de um projeto que proporcionasse a apresentação de composições e arranjos tocados em instrumentos musicais eletrônicos (Fritsch, 2008). Ela

foi dividida em duas atividades: apresentação musical acompanhada por projeções visuais e interação dos participantes com os instrumentos eletrônicos, mediada pelos extensionistas. Os conhecimentos podem ser complementados pela exibição do DVD “Música, Ciência e Tecnologia”, fornecido para as escolas participantes do projeto.

O projeto de extensão MpME foi inspirado nos concertos didáticos realizados por orquestras e bandas sinfônicas para estudantes. Porém, em vez de instrumentos acústicos tocados por uma orquestra, foi reunido um trio de músicos capacitados para a performance com instrumentos eletrônicos. O trio formado pelo professor e dois alunos bolsistas do Curso de Música Popular desenvolveu uma pesquisa de repertório, seleção de instrumentos eletrônicos disponíveis e uma abordagem didático-pedagógica para transmitir conceitos musicais. Além dos músicos, a equipe é formada por técnicos de áudio e vídeo e um artista visual. A ideia inicial surgiu da necessidade de ultrapassar as paredes dos estúdios do Centro de Música Eletrônica do Instituto de Artes da UFRGS e levar para a comunidade escolar parte do conhecimento musical e tecnológico utilizado no Curso de Música.

Metodologia de trabalho

A metodologia usada no planejamento do projeto é constituída das seguintes fases: pesquisa de instrumentos eletrônicos, pesquisa de repertório, constituição da equipe de trabalho, elaboração do material gráfico do projeto, estudo dos instrumentos eletrônicos, arranjos musicais, estudo do repertório, ensaios musicais, criação dos vídeos, sincronização de vídeo com áudio, ensaios gerais de áudio e vídeo, realização de parcerias com as escolas, visitas nas escolas, doação de DVDs para as escolas, avaliação das condições para receber o projeto, agendamentos, transporte, montagem e desmontagem de equipamentos, recepção e organização dos estudantes da escola, realização das apresentações musicais e atividades interativas

com os alunos, documentação fotográfica das apresentações, avaliação das apresentações em equipe, aprimoramento das atividades de acordo com sugestões de educadores e experiências vividas nas escolas e relatórios.

Pesquisa e escolhas musicais

No início das atividades, a equipe realizou um estudo sobre os instrumentos eletrônicos, dos softwares utilizados para as apresentações didáticas e preparou o material instrucional para ser usado nas escolas. Foi planejada uma logística para as apresentações em escolas, em função das restrições orçamentárias e infraestrutura disponível. Nesta fase inicial, foram pensados os caminhos para reter a atenção dos alunos participantes de uma apresentação de música instrumental e eletrônica com duração de 45 minutos. Uma das soluções foi baseada na apresentação de arranjos de trilhas sonoras populares, realizados em concertos didáticos pelas orquestras. A equipe selecionou, estudou, arranjou e ensaiou passagens instrumentais de trilhas sonoras do cinema. A seguir, foram elaborados vídeos com passagens dos filmes para projeção durante a performance. As trilhas sonoras escolhidas são, em sua grande maioria, do compositor norte-americano John Williams, conhecidas do público em geral; mas também foram usadas composições de Jerry Goldsmith, Richard Strauss, Klaus Baldt, Monty Norman, Lalo Schiffrin e Henry Mancini. Assim, foram arranjados três *medleys* de trilha sonora para serem tocados durante as projeções de trechos dos filmes: *Movie Soundtrack1: Star Wars Medley*; *Movie Soundtrack2: Adventure Medley* e *Movie Soundtrack3*. Essas escolhas levaram em consideração que parte das apresentações seria feita no Planetário e, por essa razão, a equipe optou por trilhas de filmes que abordassem a temática espacial. Outro Medley criado para o projeto reúne temas da música erudita tocados ao som do sintetizador, bateria, percussão eletrônica e baixo elétrico processado. Uma das intenções foi criar um arranjo com temas conhecidos da música erudita que proporcionasse um momento

lúdico no qual a formalidade oriunda da música de concerto fosse minimizada. O repertório contemplou uma passagem musical de cada compositor escolhido. Buscando uma abordagem lúdica, os sons produzidos pela bateria são de várias fontes sonoras, criando um acompanhamento com uma sonoridade que lembra a trilha sonora de desenhos animados.



Diferentes modelos de baterias eletrônicas usadas no projeto.

A grande maioria dos estudantes que participam não dispõe de aulas de música nas escolas e não tocam instrumentos. Prevendo mais participação na atividade interativa, a equipe incentivou os alunos a usar os instrumentos de percussão eletrônica. Os estudantes conseguem realizar ritmos de percussão elementares nesses instrumentos com facilidade, obtendo resultados sonoros imediatos. Já a atividade de tocar melodias nos teclados eletrônicos demanda mais tempo para quem não possui noções de música. Além dos *medleys*, foram selecionadas composições autorais com novos arranjos para a formação de trio. Por ser uma atividade musical didática, no intervalo das músicas os extensionistas explicam como devem ser tocados os instrumentos eletrônicos. Um dos destaques nas apresentações didáticas é o Theremini, uma vez que o intérprete

pode tocar a melodia aproximando e afastando as mãos em relação às antenas, sem contato com o instrumento. As escolas receberam com antecedência o DVD documentário intitulado “Música, Ciência e Tecnologia” (Fritsch, 2010). Este material instrucional está sendo usado como recurso

para aprimorar e estimular o conhecimento dos alunos e professores em sala de aula, antes e após a atividade do projeto de extensão. Uma vez que o repertório e os instrumentos musicais eletrônicos não são conhecidos por parte dos estudantes, o DVD auxilia a contextualizar as atividades *in loco* nas escolas, completando conceitos e exemplos que são apresentados durante a performance musical. Além disso, a cada nova apresentação é elaborado o programa contendo as informações relevantes e a relação de obras que serão interpretadas.

Comunicação Visual, preparação dos vídeos, sincronização e projeção

A comunicação visual do projeto MpME foi projetada para ser didática e focada no desenvolvimento infanto-juvenil e nas questões edificantes proporcionadas por uma apresentação musical. Para tanto, foram usadas imagens de uma criança tocando instrumentos musicais eletrônicos. Desta ação de comunicação foram desenvolvidos cartazes e panfletos. Os vídeos assistidos durante

a apresentação musical objetivam o entretenimento visual. Em *Movie Soundtrack #1*, por exemplo, cenas da saga *Star Wars* são adicionadas com precisão na execução musical de suas trilhas sonoras.



Imagem do folder do Projeto de Extensão Inovadora MpME - Música por Meios Eletrônicos

Na composição autoral *Oasis*, por ser executada em um Theremini, optamos por homenagear Leon Theremin, o inventor do instrumento. Escolhemos um vídeo em que Theremin apresenta a sua invenção e disto criamos um mosaico desta imagem que se repete em *loop* e que, por filtros de vídeo, alteramos parâmetros de eixo visual e multiplicidade do vídeo como em um fractal. Novamente aqui a questão de improvisação torna esta relação de vídeo e áudio num momento único. No *Medley Clássicos* foram desenvolvidas ilustrações para os compositores de cada trilha. Nestas, era importante manter uma linguagem visual contemporânea para que o objetivo, que era de valorizar o compositor, fosse apreciado com interesse. Cada troca de compositor era apresentada com sua ilustração correspondente.



Imagem da projeção durante a execução do medley *Movie Soundtrack 1: Star Wars Medley*

Educação não-formal e interatividade

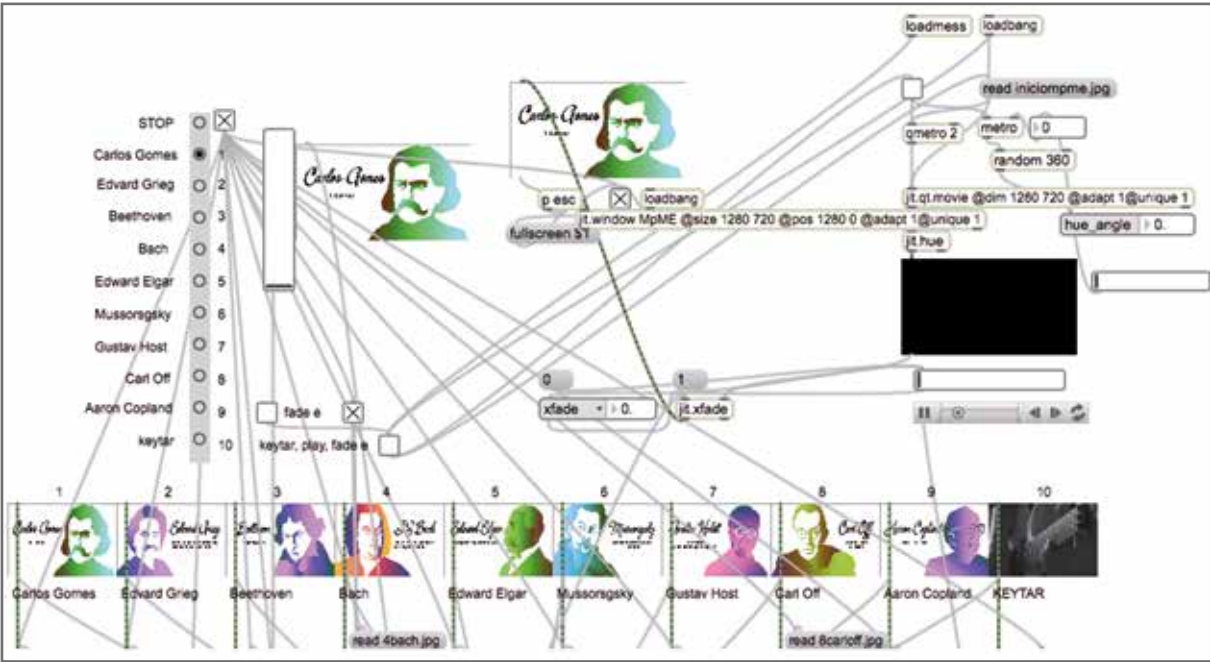
Gohn (2006) demarca as diferenças entre educação formal, informal e não-formal. Nessa separação, a educação formal contempla o ensino nas escolas, com sua cronologia, sistematização e institucionalização, organizados segundo as diretrizes nacionais; a educação informal é aquela aprendida no meio social ao longo da vida do indivíduo, seja na família, com os amigos ou no bairro, ou seja, em ambientes espontâneos; enquanto a educação não-formal acontece nos meios alternativos aos anteriores, tais como compartilhamento de experiências em seminários, visitas a centros de artes e museus, em espaços onde há intencionalidade na interação entre as partes. Com sua metodologia própria, o MpME apresenta uma interatividade ao mostrar os conteúdos específicos durante a performance musical e a atividade interativa com os estudantes. Esta atividade pode ser retomada e continuada pelos professores realizando audições comentadas do repertório apresentado, sessões de cinema com o documentário fornecido pelo projeto e buscando novos conteúdos derivados daqueles apresentados. O projeto MpME pode estimular a curiosidade dos participantes e despertar o desejo da investigação pessoal, resultando na educação informal. Nesta perspectiva, o MpME propicia meios para o acesso à educação não-formal que são destinados principalmente a estudantes e professores, servindo tanto como recurso para iniciação ao universo da música e tecnologia como para a atualização de conhecimentos sobre o tema.

As apresentações foram realizadas para estudantes na faixa etária média entre 11 e 16 anos. Foi observado que alunos abaixo de 11 anos tinham dificuldade de se concentrar durante a apresentação em função do repertório, do conteúdo apresentado e dos temas abordados. Além disso, de uma maneira geral, a equipe observou que estudantes entre 11 e

13 anos eram mais desinibidos e participativos durante as atividades interativas. Já alunos de 14 a 16 anos apresentavam mais resistência quando convidados a conhecer e tocar os instrumentos. Esse problema foi previsto no projeto e minimizado com o uso de fones de ouvido. O aluno que desejava utilizar o instrumento eletrônico colocava o fone para realizar uma audição individual da sua performance deixando de se preocupar com o que os colegas iriam “achar” da sua primeira tentativa de tocar um instrumento. Além disso, como o espaço para a atividade interativa era limitado, em geral realizado na sala de vídeo das escolas em função da necessidade de projeção visual, se todos tocassem sem fone de ouvido simultaneamente teríamos muita interferência nas audições individuais de cada aluno.

O início das atividades

O Projeto MpME – Música por Meios Eletrônicos foi iniciado no princípio de 2016, através de um projeto de Popularização da Ciência e Tecnologia, oferecendo bolsas de Iniciação à Popularização da Ciência BIPOP – PROPESQ. Nessa etapa foram criadas e aplicadas atividades de educação não-formal em escolas da rede pública. Após a primeira fase dedicada à pesquisa, composições, arranjos musicais, elaboração de atividades interativas e lúdicas, o projeto iniciou a fase de apresentações nas Escolas Estaduais da Grande Porto Alegre. Para viabilizar essa etapa atual do projeto foram firmadas parcerias com a Secretaria Estadual de Educação do Rio Grande do Sul e, posteriormente, com a Secretaria de Educação



Patch em Max/MSP para controle das projeções das imagens dos compositores eruditos

do Município de Viamão. A assessora pedagógica ficou encarregada de agendar as escolas, viabilizar o transporte dos instrumentos e de extensionistas da UFRGS, bem como acompanhar a equipe nas apresentações.

Com o auxílio das secretarias de educação, foi criado um calendário de apresentações nas escolas. A primeira apresentação do projeto

foi realizada no auditório do Colégio Júlio de Castilhos em Porto Alegre.



Momento de educação não formal no projeto MpME

Após esta estreia, a equipe percebeu que nem todos os arranjos funcionaram como previsto, e foi preciso rever o repertório para reduzir o tempo da apresentação e ampliar o tempo de interação com os alunos, que ocorre logo após a performance. Entre as modificações realizadas no programa, está a troca de músicas autorais e a

retirada do medley *Movie Soundtrack*3.

O desenvolvimento do projeto

Conforme previsto, a equipe de trabalho priorizou escolas estaduais da periferia da grande Porto Alegre. Em 2017, através de parcerias com a Secretaria de Educação do Estado do RS, a Secretaria da Educação da Prefeitura de Viamão e do Planetário da UFRGS, foram atendidas escolas distantes do Instituto de Artes e com a estrutura mínima para receber a atividade de Extensão. A partir do segundo semestre de 2018 o Planetário foi um dos espaços mais requisitados para o Projeto de Extensão, já que dispõe da estrutura adequada para receber várias escolas de diferentes localidades. Assim, parte do problema de transporte de equipamentos para os locais distantes do Instituto de Artes foi atenuado. O quadro a seguir apresenta as escolas visitadas nos três anos de realização do projeto Música por Meios Eletrônicos.

Escola	Cidade/Bairro	Apresentações	Data
Escola Estadual Julio de Castilhos	Porto Alegre	1	26/10/2016
EEEM Gentil Viegas Cardoso	Alvorada	1	19.4.2017
EMEF Jardim Outeiral	Viamão	1	3.5.2017
Escola Estadual Cônego José Leão Hartmann	Canoas	1	10.5.2017
EEEF Brigadeiro Antônio Sampaio	Alvorada	1	17.5.2017
EEEF Guanabara	Canoas	1	31.5.2017
Escola Dom João Becker	Porto Alegre	1	14.6.2017
Várias escolas Municipais	Viamão	2	21.6.2017
Escola EEEM	Sapucaia do Sul	1	28.6.2017
Escola Estadual Julio Bruneli	Porto Alegre	1	30.08.2017
Colégio Luterano Concórdia (Planetário)	Canoas	1	08.11.2017
Instituto Polivalente (Planetário)	Soledade	1	09.11.2017
Grupo de meninas na ciência -Farroupilha e EMEF. Gustavo Xavier	Farroupilha e Arambaré	1	10.11.2017
EEEF Medianeira	Porto Alegre	1	29.11.2017
EEEM Imperatriz Leopoldina	Porto Alegre	1	02.05.2018
EEEM Odila Gay da Fonseca	Porto Alegre	2	09.05.2018
EEEM Paraíba	Porto Alegre	2	16.05.2018
EEEM Oscar Pereira	Porto Alegre	1	23.05.2018
EEEM Evarista Flores da Cunha	Porto Alegre	1	30.05.2018
EEEM Santos Dumont	Porto Alegre	1	20.06.2018
EEEM Pinto Bandeira	Porto Alegre	1	11.07.2018
EEEM Ildefonso Gomes (Planetário)	Porto Alegre	1	23.08.2018
Planetário – II Celebração Intercultural da Primavera – Escolas de EJA (Planetário)	Porto Alegre	1	24.09.2018
Escola Lúcia Mossmann e Colégio Ailton Senna (Planetário)	Porto Alegre	1	04.10.2018
Colégio Dr. Carlos Augusto de Moura (Planetário)	Porto Alegre	1	25.10.2018
EEEM Nossa Senhora do Carmo (Planetário)	Porto Alegre	1	29.11.2018

Apresentações realizadas pela equipe do projeto MpME

A participação das escolas e declarações de participantes

À medida que as escolas eram visitadas pelo projeto, a equipe de extensionistas buscava aperfeiçoar o trabalho, modificando alguns recursos utilizados e aprimorando a maneira de tratar os diversos imprevistos que ocorriam a cada nova apresentação.

Durante as apresentações, os músicos ampliaram as explicações e demonstrações sobre como os instrumentos podem ser tocados e quais os principais recursos disponíveis. Ficou cada vez mais claro que, além de uma atividade cultural, a apresentação musical didática desempenha um importante papel no estímulo e motivação para os alunos experimentarem e tentarem “fazer o seu som”.

As reações dos alunos das escolas visitadas, diante da performance e de todos os instrumentos disponíveis, incluindo aqueles mais exóticos como o Theremin e o Keytar, foram muito variadas. Alguns alunos foram indiferentes às atividades realizadas enquanto outros demonstraram estados de euforia, alegria e encantamento. Os alunos ficavam livres para interagir e experimentar cada instrumento com a orientação dos professores da escola e da equipe de extensionistas. Em frente aos instrumentos, as filas iam se formando. Os mais disputados foram aqueles que geravam sons com maior facilidade, em especial as baterias eletrônicas e o Theremini. Após tocar nos instrumentos, muitos alunos voltavam à fila para mostrar o resultado ao colega ou corriam para entrar rapidamente em outra fila. É interessante que uma abordagem lúdica e a apresentação de novos conhecimentos criam um ambiente informal em que os alunos se sentem à vontade para questionar, indagar, participar interagindo e tocando nos instrumentos eletrônicos, sem que aquilo lhes pareça mais um processo avaliativo da escola.



Estreia do projeto MpME na Escola Júlio de Castilhos, em 26/10/2016

O professor da Escola Estadual de Ensino Fundamental Japão, Gilberto Ludwig comenta como foi a experiência de receber o projeto MpME e destaca a atividade interativa entre participantes e músicos realizada após a apresentação:

“O projeto de música eletrônica foi aguardado com muita expectativa, pois eu e a vice-diretora da tarde, Marlize Echeveste, já conhecíamos o trabalho artístico do coordenador do projeto! Temos certeza que foi impactante para os alunos pelo fato de terem trazido músicas conhecidas a partir de trilhas sonoras de filmes. Ver músicos executando as melodias ao vivo aproximou também os estudantes a um estilo de música diferente ao que comumente ouvem e cantam. Destacaria, entretanto, apesar de os estudantes estarem um tanto resistentes de início, a experiência de experimentarem e ‘tocarem’ os instrumentos. Creio que vários não conheciam e nem tinham ‘tocado’ algum instrumento. Até eu ‘viajei’ num deles. Quem sabe o projeto tenha até despertado alguém a se interessar a aprender tocar um desses instrumentos.”

Neste depoimento também podemos notar a importância para o despertar musical em crianças através do acesso a instrumentos eletrônicos modernos com variados recursos sonoros que foram usados pelos músicos. Durante a performance musical didática, os extensionistas apresentam os instrumentos modernos e explicam como devem ser tocados, para que depois seja a vez dos estudantes terem acesso aos mesmos

instrumentos e tocarem com o auxílio e orientação dos músicos.

A diretora Rosane Moraes, da Escola Estadual de Ensino Fundamental Evarista Flores da Cunha, localizada no bairro Belém Novo, a 25 km do Centro de Porto Alegre, ressalta a contribuição do projeto para o desenvolvimento da sensibilidade das crianças:

“Entendemos que esse tipo de projeto, não só contribui para o conhecimento e sensibilidade do aluno, mas também faz com que os professores percebam a importância de dar significado aos conteúdos através de estilos musicais, como forma de estímulo pedagógico.”

A professora de EJA - Educação de Jovens e Adultos - do Colégio Aplicação, Rute Vera Maria Favero, também ressalta a importância do projeto para os alunos:

“Vários alunos, principalmente da EJA, não têm muitas oportunidades de estar em contato com instrumentos musicais de diversos tipos, tampouco de assistir a alguma apresentação como a de Música por Meios Eletrônicos. Este tipo de experiência mostra-lhes o quanto são capazes e ‘merecedores’, como dito por um aluno, de tocar um instrumento e de, quiçá, seguir uma carreira de músico; certamente, no mínimo, de se embriagar e sonhar em um momento musical tão especial. Os alunos foram unânimes em dizer que participar do projeto MpME foi uma experiência “apaixonante”.

Considerações finais

A realização de parcerias com as Secretarias

de Educação foi essencial para o planejamento logístico das ações realizadas. As greves nas escolas estaduais e a dificuldade com o transporte dos instrumentos, equipamentos de som e a equipe de extensionistas não impediram que as atividades propostas fossem realizadas. As apresentações nas escolas e o contato com os alunos propiciaram uma troca muito rica entre os envolvidos no processo. A realização das atividades na periferia de Porto Alegre foi um desafio, já que a falta de recursos e de infraestrutura contrastou com o interesse dos alunos em participar do projeto e aprender mais sobre música.

Percebemos pelos depoimentos dos professores colaboradores e pela experiência vivida durante o projeto que o MpME despertou a curiosidade, o desejo de tocar um instrumento e de descobrir novas sonoridades.

Os alunos bolsistas atuaram como intérpretes, e necessitaram realizar diversas funções que auxiliaram no aperfeiçoamento profissional. Além disso, ampliaram a prática musical, participando de atividades educacionais que proporcionaram a aquisição de experiência e senso de equipe por trabalhar em conjunto com o professor e demais membros da equipe de extensionistas.

Certamente o MpME é um projeto gratificante para toda a equipe de extensionistas e colaboradores. Com a equipe formada e as parcerias constituídas esperamos que seja possível dar prosseguimento ao projeto através do apoio e incentivo da Universidade e outras agências de fomento. ◀

REFERÊNCIAS

- FRITSCH, E. F. *Música Eletrônica – Uma Introdução Ilustrada*, Porto Alegre, Editora da UFRGS, 2008.
- FRITSCH, E.F, CABRAL, P. *Música, Ciência e Tecnologia*. Porto Alegre: UFRGS, 2010. 1 DVD. Documentário baseado no livro *Música Eletrônica - uma introdução ilustrada*.
- GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal na pedagogia social. In: **I CONGRESSO INTERNACIONAL DE PEDAGOGIA SOCIAL**, 1., 2006, . Proceedings online. Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, Disponível em: < <http://www.proceedings.scielo.br/cgi-bin/wxis.exe/iah/> >. Acesso em: 12 Dez. 2018
- Agradecimentos: Naia Labella, Leony Cananea Marques, SEDUC-RS, Prorext-UFRGS, Propesq-UFRGS, Instituto de Artes da UFRGS, Daniela Pavani, Planetário Prof. José Baptista Pereira, Rute Vera Maria Favero, Gilberto Ludwig, Rosane Moraes, demais professores, alunos e colaboradores do projeto MpME.

0 Parto e o Nascimento no UFRGS Portas Abertas

Mariene Jaeger Riffel: Enfermagem - UFRGS
Virginia Leismann Moretto: Enfermagem - UFRGS
Cláudia Junqueira Armellini: Enfermagem - UFRGS
Acadêmica de Enfermagem: Júlia Schneider

Introdução

O “UFRGS Portas Abertas” ocorre desde o ano de 2003. É a atividade em que a Universidade Federal do Rio Grande do Sul abre as portas de todas as unidades acadêmicas para o olhar da sociedade¹. O evento que ocorre anualmente sempre

no mês de maio, teve sua 15ª edição em 2017 com a participação de acadêmicas e docentes da Escola de Enfermagem – EENF - em todo este período.

Uma atividade desta magnitude evidencia as faces mais proeminentes de cada uma das unidades acadêmicas e faculdades: os prédios, as salas de aula, os equipamentos, os materiais pedagógicos e os laboratórios. Divulga os diferentes cursos da Universidade, sua produção científica, as atividades de ensino e de extensão e as possibilidades de ingresso de alunos. O grande diferencial do UFRGS Portas Abertas é que tal divulgação se dá

por meio de conversas sem intermediários, direta e interativamente entre profissionais e acadêmicos da universidade e a comunidade.

O sucesso do evento UFRGS Portas Abertas torna-se evidente quando se verifica o crescimento contínuo do número de participantes, bem como do número de atividades ofertadas a cada ano, fazendo jus ao título de melhor universidade federal do país, conforme dados do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (UFRGS, 2017b). Em 2017, todas as unidades acadêmicas da UFRGS estiveram envolvidas e ofereceram 957 atividades nos cinco *campi* localizados nas cidades de Porto Alegre e de Tramandaí (UFRGS, 2017a).

A participação da comunidade pode ocorrer por agendamento prévio, individual ou coletivamente. Na 15ª edição houve o agendamento de 238 instituições educacionais públicas e privadas, além de cursos pré-vestibulares. Tais instituições foram oriundas de 91 municípios do estado do Rio Grande do Sul e de um município do estado de Santa Catarina. Dados fornecidos pela Pró-Reitoria de Extensão apontam para a participação de aproximadamente 12.500 visitantes, agendados ou não, recepcionados por 800 servidores e alunos da UFRGS (UFRGS, 2017a).

É neste cenário que a Escola de Enfermagem se insere e oferece atividades que evidenciam seu ensino, suas pesquisas e seus vínculos com a comunidade, além de esclarecer sobre formas de ingresso no curso, atividades desenvolvidas durante seus 10 semestres de duração e sobre oportunidades de trabalho e de desenvolvimento profissional de seus egressos.

Neste texto, procuraremos explorar especificamente a atividade relacionada ao Parto e Nascimento, desenvolvida ao longo destes 15 anos na Escola de Enfermagem, e no evento UFRGS Portas Abertas, no qual a unidade recebeu em 2017 recebeu 412 visitantes, entre 13 e 70 anos de idade, dos quais 80% eram do sexo feminino (UFRGS, 2017c).

A Escola de Enfermagem no UFRGS Portas Abertas

A área física da Escola de Enfermagem da UFRGS se destaca pela beleza e possibilidades de integração de todos num pátio interno arborizado, a partir do qual se pode vislumbrar seu anfiteatro, Salão Nobre, salas de aula, laboratório, biblioteca e secretaria. Neste pátio, os visitantes circulam e consultam a programação do UFRGS Portas Abertas, desenvolvida nas diversas dependências da Escola, auxiliados por monitores sempre disponíveis para esclarecimentos. Dentro de cada sala são desenvolvidas as atividades programadas; os materiais utilizados para o ensino são expostos aos visitantes, oportunizando o manuseio e o despertar do interesse pelo curso ou assunto. Em 2017, foram ofertadas 15 atividades (UFRGS, 2017c) que mostraram temas discutidos durante a graduação e práticas que fazem parte do cotidiano de egressos (Figura 1). A Escola de Enfermagem é a única unidade acadêmica da universidade que tem apresentado e discutido aspectos sobre o parto e nascimento conforme as melhores evidências.



Figura 1 - Programação apresentada nas salas do primeiro andar da Escola de Enfermagem. UFRGS Portas Abertas 2017. Foto: Camilla Schneck

As atividades no UFRGS Portas Abertas que ocorrem na Escola de Enfermagem mostram um currículo voltado para a formação de uma profissional generalista, humanista, crítica e

1. A divulgação das atividades das diferentes unidades acadêmicas, antes de 2003 era realizada pela “Feira das Profissões” e ocorria em *stands* especialmente montados no prédio da reitoria onde professores e alunos de cada faculdade divulgavam os cursos e as atividades previstas aos egressos.

reflexiva, capacitada para o processo de cuidado ao indivíduo, família e comunidades em situações de saúde e doença em todas as etapas evolutivas do desenvolvimento humano e, inteiramente direcionado para a formação de profissionais que atendam aos princípios e diretrizes do SUS, conforme descrito no projeto pedagógico publicado na *web page* do Curso de Graduação em Enfermagem.

Parto e nascimento no UFRGS Portas Abertas

O Curso de Enfermagem da UFRGS é constituído majoritariamente por acadêmicas do sexo feminino e o contingente de docentes da disciplina em que o assunto parto e nascimento é especificamente abordado não possui homens em seu quadro. Portanto, supõe-se que o assunto obrigatoriamente é desenvolvido sob este viés de gênero e tem a pretensão de refletir os interesses e as experiências de mulheres (SILVA, 2010) no que se refere ao parto e nascimento. As políticas atuais contemplam, em grande parte, ou pelo menos de forma nunca vista anteriormente, as necessidades de escolha e de conhecimento das mulheres sobre si mesmas antes, durante e após uma gestação e parto. Procura-se, por meio de políticas e do ensino sobre o parto e o nascimento, não apenas desenvolver conhecimento e difundir saberes, mas colocá-los sob a perspectiva de quem os vivencia, ou seja, da mulher, de seu companheiro ou de quem partilha de sua vida no período em questão.

É preciso ajudar a melhorar o status da mulher na sociedade para salvar vidas. Salvar vidas não implica dizer que está se salvando da morte, mas oferecer uma vida com menos danos, maiores chances de vivê-la com qualidade, saúde e possibilidades de escolhas. É preciso oferecer conhecimento sobre seu corpo e seus direitos sexuais e reprodutivos, entre eles os implicados no parto e nascimento. A atividade “Parto e Nascimento”, desenvolvida no evento UFRGS Portas Abertas, tem mostrado que há carência de informações sobre estes temas na população de visitantes.

O Departamento de Enfermagem Materno Infantil do Curso de Graduação em Enfermagem integra o UFRGS Portas Abertas desde sua primeira edição, com os temas Parto e Nascimento em sintonia com a abordagem realizada na disciplina Cuidado de Enfermagem às Mulheres e aos Recém-nascidos. Os temas são apresentados como recortes do ensino sobre tais assuntos na UFRGS em paralelo com as possibilidades de atuação da enfermeira.

Os modos de abordagem variam conforme as necessidades apresentadas pelos visitantes ou grupos. Assim, são oferecidas oficinas, palestras, apresentação de objetos educacionais, materiais audiovisuais e de mídia, dramatizações e performances. Estas abordagens trazem consigo a divulgação das melhores evidências disponíveis sobre o assunto e das práticas preconizadas nacional ou internacionalmente por instituições reguladoras, por políticas públicas preconizadas pela Organização Mundial da Saúde, Ministério da Saúde e convenções das quais o Brasil é signatário.

Na Figura 2, pode-se visualizar a visita do então reitor Carlos Alexandre Netto às atividades associadas à área materno-infantil da Escola de Enfermagem no UFRGS Portas Abertas no ano de 2012, bem como da diretora da unidade à época, Eva Neri Rubin Pedro. Salienta-se que, em todas as edições, a Escola de Enfermagem recebeu a visita do reitor em exercício ou seu representante e da direção.



Figura 2 - Visita do reitor Carlos Alexandre Netto. UFRGS Portas Abertas 2012. Foto: Camille Crixel Zimpel

O público visitante tem a oportunidade de entrar em contato com diversos objetos educacionais (Figura 3). Tais objetos têm por objetivo facilitar o ensino, sendo utilizados para a abordagem de aspectos anatômicos e fisiológicos relativos ao parto e nascimento. Conta-se, também, com equipamentos utilizados em instituições hospitalares, como a bola obstétrica, o cavalinho e a banqueta de parto.



Figura 3 - Objetos educacionais disponibilizados para visitantes. UFRGS Portas Abertas 2012. Foto: Camille Crixel Zimpel

Os visitantes, ao experimentarem tais equipamentos, podem perceber seus efeitos e entender a utilização dos mesmos durante o trabalho de parto e o parto. Estas experiências oportunizam discussões sobre aspectos diversos e possibilitam a exposição das práticas preconizadas pelas Diretrizes Nacionais de Assistência ao Parto Normal, recentemente publicadas (BRASIL, 2017). Neste documento são enfatizadas, além destas, outras tecnologias, como a presença do acompanhante de livre escolha da mulher, tecnologias para alívio da dor como a hidroterapia, a livre movimentação durante o trabalho de parto e outras posições que não a comumente utilizada para o parto (Figura 4). Tais recomendações favorecem o parto normal

e situações como o clampeamento oportuno do cordão, o contato pele a pele entre a mãe e o recém-nascido favorecendo o vínculo, o aleitamento materno no período chamado de “hora de ouro”, assim denominada devido a sua importância para o futuro da criança.



Figura 4 - Cartazes educacionais sobre parto e nascimento. UFRGS Portas Abertas 2014. Foto: Cláudia Junqueira Armellini

Um momento sempre vibrante para os visitantes é a dramatização do trabalho de parto e do parto. Nesta última edição do UFRGS Portas Abertas, teve-se a oportunidade de desenvolver tal dramatização também fora da sala destinada para a atividade. Assim, enquanto a performance se desenvolvia nos corredores ou no pátio da Escola de Enfermagem, os visitantes agregavam-se paulatinamente à volta das *performers* e, desta maneira, ensinava-se que o parto pode acontecer em qualquer local em que haja segurança para a mulher e o bebê (Figura 5).



Figura 5 - Performances na atividade Parto e Nascimento. UFRGS Portas Abertas 2017. Foto: Camilla Schneck

Dúvidas sobre a continuidade da formação para além da graduação em enfermagem, também são evidenciadas pelos visitantes. Assim, pode-se esclarecer que o parto e o nascimento são eventos que recebem atenção prioritária do governo brasileiro, por meio de políticas públicas integradas entre os Ministérios da Saúde e da Educação, evidenciadas por meio de incentivo à formação de enfermeiras especialistas em obstetrícia para a atuação direta na assistência ao parto e, consequentemente, na qualificação da atenção obstétrica e melhoria de indicadores relacionados à morbimortalidade perinatal.

Nas circunstâncias descritas, entende-se que o currículo é uma construção e invenção social que permite às instituições de ensino, como a

UFRGS e a EENF, a compreensão de valores e interesses

sociais como elementos que incluem determinados conhecimentos nos processos de ensino e divulgação da produção acadêmica (SAIPPA-OLIVEIRA; KOIFMAN; PINHEIRO, 2006). As distintas visões sobre o ensino e a formação em saúde valorizam determinados saberes que são tomados na universidade como verdades em suas múltiplas faces e que, em relação ao parto e nascimento, são contempladas conforme as melhores evidências científicas, éticas e políticas.

O desenvolvimento da atividade “Parto e Nascimento” mobiliza docentes, acadêmicos em nível de graduação, mestrado e doutorado e enfermeiras que trabalham em instituições onde há atenção obstétrica e que, eventualmente, se voluntariam para a atividade reconhecendo a dimensão do evento (Figura 6).



Figura 6 - Docentes e acadêmicas no “Parto e o Nascimento”. UFRGS Portas Abertas 2017. Foto: Cláudia Parzianello

Durante o desenvolvimento da atividade são esclarecidos aspectos sobre o curso de graduação: carga horária, cenários de prática e maneiras de como são aplicados os conhecimentos ainda durante a formação. Há o esclarecimento também sobre as possibilidades de continuidade da formação para além da graduação, nos cursos de especialização, mestrado e doutorado. Ênfase é dada para a necessidade de formação de especialistas em enfermagem obstétrica, visto que há uma carência desta profissional no mundo, e em especial no Brasil. A profissão é regulada pela Lei do Exercício Profissional de Enfermagem nº 7498 de 1986 (BRASIL, 1986), e há órgãos da profissão que estimulam e protegem seu exercício.

A população que tem participado da atividade “Parto e Nascimento” é, preponderantemente, de alunos procedentes do ensino médio. No entanto, eventualmente recebe-se a visita de crianças, idosos, profissionais de outras áreas e interessados em geral (Figura 7). Estas presenças são particularmente interessantes, uma vez que não buscam opção de curso para ingresso no ensino universitário, mas sim informações atualizadas para confrontá-las com suas experiências.



Figura 7 - Crianças visitando o “Parto e Nascimento”. UFRGS Portas Abertas 2013. Foto: Camille Crixel Zimpell

Grande parte das acadêmicas de enfermagem que participaram das edições anteriores do UFRGS Portas Abertas são, hoje, profissionais que trabalham na área obstétrica. Algumas se especializaram em Enfermagem Obstétrica, outras, além deste nível de formação, são mestras ou doutoras. Nesta formação desenvolveram, pesquisas específicas na área obstétrica ou neonatal, atuando no ensino em universidades da capital, do interior do RS ou em outros estados brasileiros. Com isso, colaboram com a estratégia da Rede Cegonha, que faz parte do Programa Nacional de Humanização do Parto do Ministério da Saúde brasileiro, que tem como objetivo principal a qualificação da atenção obstétrica na qual a enfermeira ocupa papel central para tornar o parto mais seguro, com menos intervenções invasivas, menos recém-nascidos prematuros e menos morte fetal, como apontam estudos internacionais e em especial os publicados pela biblioteca Cochrane (SANDALL et al., 2016).

Ao longo de todas as edições do UFRGS Portas Abertas na EENF, as atividades relacionadas ao parto e nascimento sempre ocupam uma das três principais posições de destaque no que se refere à frequência de participantes (Figura 8). A porta da sala onde são apresentados os temas permanece aberta para livre acesso dos visitantes que, por sua vez, nela permanecem e circulam conforme seu interesse.

nascimento conforme as melhores evidências. Ao longo de suas 15 edições, esta é sempre uma das três atividades mais frequentadas.

Observa-se que o UFRGS Portas Abertas é um momento de esclarecimentos sobre o Curso de Graduação em Enfermagem e também sobre a continuidade da formação acadêmica por meio de cursos de especialização, mestrado e doutorado.



Figura 8 - Acadêmicas representando o parto e o nascimento para os visitantes. UFRGS Portas Abertas 2013. Foto: Camille Crixel Zimpell

Considerações finais

A Escola de Enfermagem é a única unidade acadêmica que durante o UFRGS Portas Abertas apresenta e discute aspectos sobre parto e

As acadêmicas e docentes ligadas à disciplina Enfermagem no Cuidado às Mulheres e aos Recém-Nascidos, atendem aos visitantes com segurança e cordialidade, esclarecendo sobre aspectos legais e éticos e também quanto à atuação da enfermeira na assistência ao Parto e Nascimento.

O UFRGS Portas Abertas acolhe indivíduos

de todas as idades. Possibilita o manuseio de objetos educacionais, desperta a curiosidade, esclarece dúvidas, produz imagens positivas sobre o corpo feminino grávido e sobre o parto normal.

Os visitantes que frequentam o UFRGS Portas Abertas são alunos do Ensino Médio e seus professores, crianças, idosos, servidores e egressos da Universidade que acompanham seus filhos ou que voltam aos cenários de ensino para “matar as saudades” e conhecer abordagens atualizadas sobre parto e nascimento.

Desta maneira, o currículo da Enfermagem passa fazer parte da vida de cada visitante constituindo-o como alguém que participou e discutiu o assunto, compartilhou experiências e marcando sua trajetória.

Durante o UFRGS Portas Abertas, têm-se a oportunidade de conhecer alunos antes de seu ingresso na Universidade, seus sonhos em

pertencer a uma instituição de ensino superior como a UFRGS e seus planos de vida.

O UFRGS Portas Abertas na Escola de Enfermagem não visa somente o direcionamento de uma escolha profissional: socializa o conhecimento para além dos muros da universidade proporcionando a disseminação de saberes sobre modos de parir, nascer e viver. ◀

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Lei nº 7.498, de 25 de junho de 1986. Dispõe sobre a regulamentação do exercício da enfermagem, e dá outras providências. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 26 jun. 1986. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7498.htm>. Acesso em: 10 ago. 2017.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos. Departamento de Gestão e Incorporação de Tecnologias em Saúde. **Diretrizes nacionais de assistência ao parto normal**: versão resumida. Brasília: Ministério da Saúde, 2017. 51 p. Disponível em: <http://conitec.gov.br/images/Protocolos/Diretrizes/Diretrizes_PartoNormal_VersaoReduzida_FINAL.pdf>. Acesso em: 04 ago. 2017.
- SAIPPA-OLIVEIRA, G.; KOIFMAN, L.; PINHEIRO, R. Seleção de conteúdos, ensino-aprendizagem e currículo na formação em saúde. In: PINHEIRO, R.; CECCIN, R.; MATTOS, R. A. **Ensinar saúde: a integralidade e o SUS nos cursos de graduação na área da saúde**. Rio de Janeiro: CEPESQ; ABRASCO, 2006. p. 205-227.
- SANDALL, J. et al. Midwife-led continuity models versus other models of care for childbearing women. **Cochrane Database of Systematic Reviews**, n. 4, Art. No.: CD004667, 2016. Disponível em: <<http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1002/14651858.CD004667.pub5/pdf/abstract>>. Acesso em: 04 ago. 2017.
- SILVA, T. T. **Documentos de identidade: uma introdução às teorias do currículo**. 3. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **Release UFRGS Portas Abertas 2017**. Porto Alegre, 2017a. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/portasabertas/imprensa/>>. Acesso em: 01 ago. 2017.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. **UFRGS segue como melhor federal no índice geral de cursos**. 2017b. Disponível em: <www.ufrgs.br/ufrgs/noticias/ufrgs-seg-como-melhor-federal-no-indice-geral-de-cursos>. Acesso em: 16 ago. 2017.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL. Escola de Enfermagem. **Portas Abertas em foco**. Porto Alegre, 2017c. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/eenf/news/portas-abertas-em-foco>>. Acesso em: 01 ago. 2017.

Núcleo de Extensão Tecnológica e Gestão Rural para Agricultura Familiar NEGAF/UNISC

Cidonea Machado Deponti: Desenvolvimento Regional - UNISC
Fernando Batista Bandeira da Fontoura: Ciências Contábeis - UNISC
Silvio Cezar Arend: Desenvolvimento Regional - UNISC
Acadêmicos de Ciências Contábeis - UNISC: Diego Folmer e Fernando Wagner



O objetivo deste resumo é relatar a experiência desenvolvida pela equipe interdisciplinar do Núcleo de Extensão Tecnológica e de Gestão Rural para a Agricultura Familiar - NEGAF. O Núcleo é composto por professores, mestrandos e doutorandos do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, professores do Departamento de Ciências Contábeis e Administração, e por bolsistas.

O projeto conta com a parceria de várias instituições, dentre elas: a EMATER/ASCAR-RS, o CETAM - Montenegro/EMATER, a ACI, as Secretarias dos Campi da UNISC em Montenegro e Sobradinho, e as Secretarias de Agricultura dos municípios envolvidos. Os objetivos do Núcleo são: receber demandas de agricultores familiares relacionadas à gestão rural; auxiliá-los nos processos de registro das informações,

no controle gerencial e de custos; realizar o acompanhamento *in loco* das propriedades dos agricultores familiares que buscarem a Universidade; e desenvolver um sistema de gestão rural da propriedade adequado às necessidades dos agricultores familiares. As atividades são realizadas nos municípios do Vale do Caí e em Sobradinho, ambos no Rio Grande do Sul.

Dentre as atividades realizadas pelo Núcleo destacam-se: reunião da equipe do projeto e das organizações parceiras; realização de oficinas de integração sobre a importância do uso de tecnologias de gestão na propriedade rural; realização da 1ª Semana da AF em Montenegro-RS, que contou com palestra sobre Gestão Rural e depoimento de agricultores que já utilizam sistema de gestão rural em suas propriedades; acompanhamento *in loco* das propriedades de agricultores familiares visando o monitoramento e o auxílio no registro das informações; visitas às escolas rurais para discutir sobre a importância da gestão rural.

Além disso, a equipe desenvolveu um sistema de “mix” de produtos para o melhor gerenciamento e controle da propriedade rural, a fim de atender as atividades específicas demandadas pelos agricultores. As ações realizadas pelo Núcleo apresentam resultados preliminares, pois estão em andamento. O NEGAF faz parte de um projeto de extensão caracterizado pela inserção comunitária, construção coletiva e atividade contínua.

A equipe do NEGAF observou a proximidade dos agricultores com a Universidade, enxergando nesse aspecto uma possibilidade de contribuição. Estes resultados confirmam que a produção do conhecimento é possibilitada

através da articulação entre os saberes científicos dos professores, alunos e parceiros envolvidos no processo, integrados ao conhecimento dos próprios agricultores, saberes adquiridos ao longo de suas trajetórias de vida. Resultando assim, na construção de um conhecimento híbrido que é obtido através da interface social.

Dessa forma, conclui-se que o referido Núcleo possui uma relevância social na medida em que possibilita através da articulação entre o ensino, pesquisa e extensão, a produção do conhecimento e a contribuição do programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional da UNISC com o desenvolvimento da região. ◀



Ações Afirmativas como Forma de Resistência e acesso ao Ensino Superior Gratuito

José Antônio dos Santos: Departamento de Educação e Desenvolvimento Social (DEDS) - UFRGS
Luciane Bello: Departamento de Educação e Desenvolvimento Social (DEDS) - UFRGS

[...] não é um tempo de determinações, mas é um tempo de possibilidade em que eu me experimento como possível também. Quer dizer, eu sou possível de ser ou de não ser. Isto eu acho lindo em nós, seres humanos. (FREIRE, 2004, p. 258).

O programa “Por Dentro da UFRGS” iniciou em 2017 a partir da experiência e reorganização do Programa de Extensão Universitária de Apoio ao Acesso ao Ensino Superior. É uma iniciativa do Departamento de Educação e Desenvolvimento Social (DEDS) da Pró-Reitoria de Extensão em parceria com a Pró-Reitoria de Graduação, Coordenadoria de Ações Afirmativas, Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis, Núcleo Incluir, Secretaria de Comunicação e Sistema de Bibliotecas da UFRGS. O programa visa divulgar e refletir as políticas de ações afirmativas e estimular o ingresso de estudantes de escolas públicas no Ensino Superior, atuando em três eixos: visitas em escolas públicas abordando a reserva de vagas para negros, indígenas, estudantes oriundos de escolas públicas, pessoas com deficiência e de baixa renda; capacitações internas à Universidade; e criação do Curso Pré-Vestibular Popular Liberato. O público-alvo são estudantes, servidores ou egressos da UFRGS, além de estudantes e professores de escolas públicas. Seu grupo de trabalho é formado por bolsistas de graduação, educadores voluntários e servidores técnicos da Universidade. Os bolsistas de ampla faixa - entre 18 e 53 anos - procedem de vários cursos de graduação e são, na sua maioria, oriundos de comunidades que historicamente estiveram do lado de fora das universidades. O programa dialoga com as

demandas sociais por acesso ao ensino superior e com as determinações legais, como a Lei Federal de Cotas instituída em 2012 pelo Supremo Tribunal Federal (STF) e que passou a vigorar integralmente desde 2016, pela qual metade das matrículas nas universidades e institutos federais deve atender a estudantes autodeclarados negros e famílias com renda inferior a 01 (um) salário mínimo e meio. A aprovação no STF corroborou com a importância das universidades públicas no direcionamento do conhecimento científico para a diminuição das desigualdades e na resolução dos principais problemas nacionais. Logo, a criação do programa deu-se nesse cenário de ampliação das políticas de ações afirmativas e suas necessidades de divulgação, pois a sociedade deve conhecer os seus direitos para ingresso no ensino superior e os meios para a sua manutenção e ampliação. Vale lembrar que em 2017 a UFRGS aprovou o ingresso de pessoas com deficiência e aumentou o número de cursos de pós-graduação com reserva de vagas para estudantes negros, indígenas e LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros). Em um de seus eixos, o “Por Dentro da UFRGS” tem oferecido capacitações para o público interno e externo à Universidade, sendo realizadas desde 2017 com módulos/aula, difundindo informações sobre a história das cotas no Brasil, usos e



conceito das políticas de ações afirmativas, formas de ingresso no Ensino Público Superior, entre outros temas. Em 2018 foi realizada a capacitação “Ações Afirmativas na UFRGS: desafios e perspectivas”, trazendo temas como “Política de Ações Afirmativas: autoidentificação e reconhecimento de candidatos/as negros/as”; “Pessoas com Deficiência (PcD) na UFRGS: conceitos e desafios”; “Cotas na UFRGS e seus impactos”; “Assistência Estudantil na UFRGS: PRAE – Programa de Benefícios/Moradia Estudantil e Programa de Bolsas: Editais e Normatização”, e “Conhecendo a UFRGS pelos seus meios de comunicação: Assessoria de Imprensa (Portal e Redes Sociais), Jornal, Rádio e TV”, entre outras pautas.

Em outro eixo que abrange escolas da rede pública de Porto Alegre e Região Metropolitana, através do trabalho de educadores voluntários (alunos de graduação e pós-graduação da UFRGS e de outras instituições) e professores da própria rede, são atendidos mais de 1.800 estudantes de

municípios da região. O Curso Pré-Vestibular Popular Liberato, localizado na Escola Municipal Liberato Salzano Vieira da Cunha, Zona Norte de Porto Alegre, prepara os estudantes da escola e adjacências às provas do ENEM e Vestibular da UFRGS, em uma região da Capital que não contava com um pré-vestibular alternativo aos cursos privados que, em boa parte, são distantes da realidade socioeconômica da maioria de seus estudantes. Este eixo do programa “Por Dentro da UFRGS” tem se revelado uma excelente oportunidade para os nossos estudantes de graduação e pós-graduação exercitarem a docência, além de propiciar uma formação cidadã para educadores populares e futuros estudantes da Universidade.

Participando de eventos como o Salão de Extensão (2017 e 2018) e o SEURS 36 (2018), o “Por Dentro da UFRGS” tem se revelado uma feliz iniciativa que congrega pessoas e instituições na promoção das políticas de ações afirmativas e defesa da universidade pública e gratuita. ◀

Pega Leve: Saúde Mental do Estudante Universitário

Ana Margareth Siqueira Bassols: Faculdade de Medicina/HCPA - UFRGS

Durante 2018, a saúde mental dos graduandos esteve em evidência dentro e fora das universidades. A discussão pública trouxe à tona dados importantes, como o fato de problemas de saúde mental – desde o sofrimento psíquico inespecífico à importante taxa de suicídios completos – ocorrerem em estudantes universitários. Diversos estudos brasileiros e internacionais têm constatado uma prevalência superior à média populacional de transtornos mentais nesse grupo¹⁻³, tornando o estudante de graduação parte de uma população em risco.

Ao mesmo tempo, a maior parte desses transtornos não é tratada adequadamente nessa população, podendo estar ligados a baixo desempenho escolar e até mesmo ao abandono da formação⁴. Utilizando-se de abordagens baseadas em evidências científicas, o “Pega Leve” pôde conversar com estudantes universitários de mais de 20 cursos de graduação em 11 diferentes oportunidades, percorrendo todos os *campi* da UFRGS e chegando até à região metropolitana de Porto Alegre.

Foi constatada a necessidade de criação de redes de identificação de sinais de risco, acolhimento e encaminhamento adequado daqueles estudantes vulneráveis – principal objetivo do projeto. Para isso, oferecemos cursos de capacitação de estudantes voluntários para que consigam realizar uma triagem preliminar e encaminhamento adequado de seus colegas à rede de saúde. Dessa forma, os estudantes/monitores estarão aptos a criar uma rede de apoio com capilaridade em diversos cursos, faculdades e universidades.

O projeto, então, tem como objetivos: 1) aumentar o conhecimento sobre doenças mentais e a habilidade dos monitores de reconhecerem e intervirem apropriadamente e, como resultado; e 2) aumentar os comportamentos de busca por ajuda especializada na população-alvo⁵. O projeto objetiva também a conscientização pública sobre o tema por meio de espaços físicos e virtuais em que se promove o compartilhamento de experiências e a busca por soluções, desconstruindo o estigma em torno da saúde mental e catalisando a valorização cultural do equilíbrio entre o bem-estar e a performance do graduando.

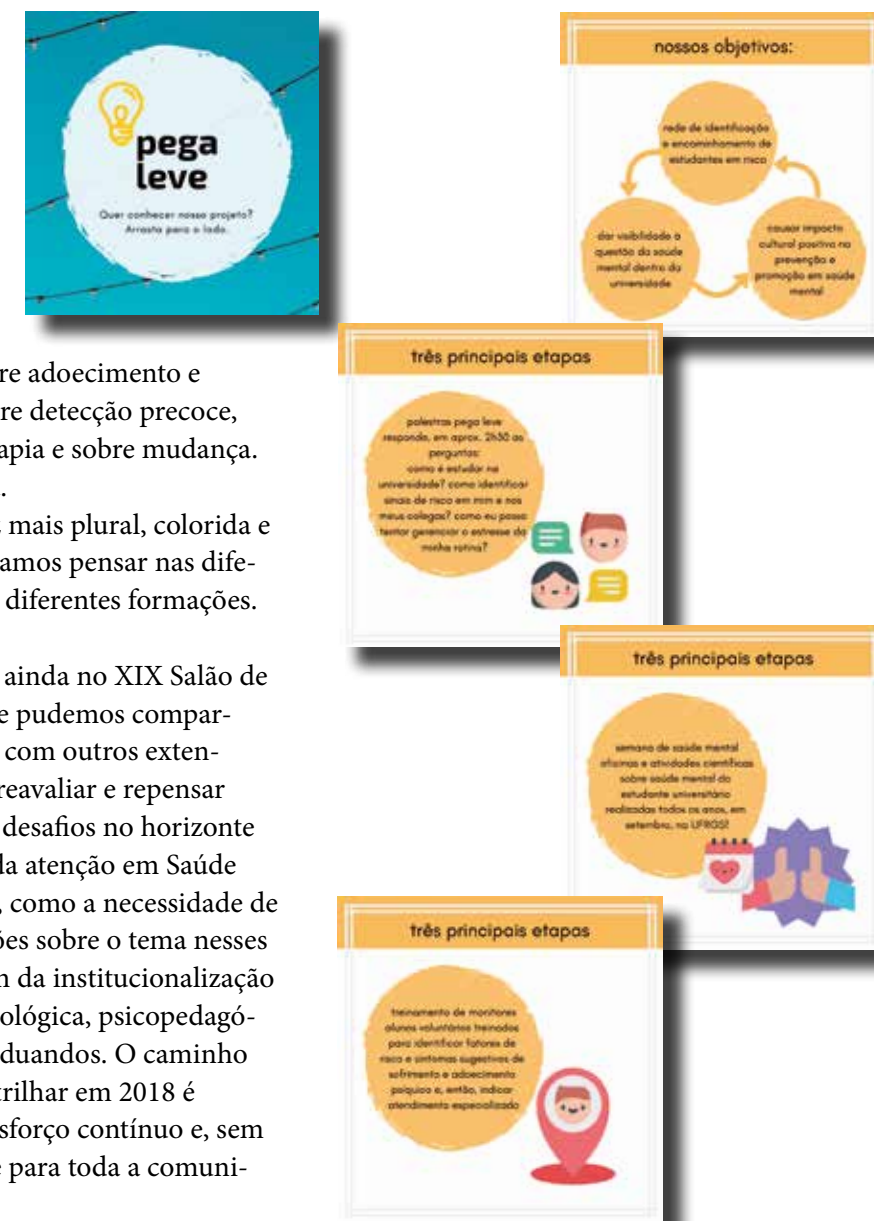
Para isso, o “Pega Leve”, vinculado à Faculdade de Medicina da UFRGS, conta com três principais atividades: a promoção de palestras (duração estimada 2h30min) conversando com os alunos sobre como é estudar na UFRGS, além de como identificar sinais de risco para psicopatologias comuns, locais onde buscar ajuda e ainda estratégias de gerenciamento de estresse na rotina universitária; a promoção da Semana de Saúde Mental, que ocorre anualmente em setembro, na qual preparamos oficinas e atividades científicas sobre saúde mental do estudante universitário; além do treinamento de monitores, já descrito.

Mesmo no primeiro ano de atuação do projeto, que foi em 2018, realizamos mais de dez palestras, criamos um material didático autoral para os módulos de treinamento, pudemos formar a primeira turma de monitores e ainda inauguramos a Semana de Saúde Mental, que engajou mais de 150 estudantes de graduação e pós-graduação, além de professores e técnicos

da Universidade. Foram inúmeras as angústias compartilhadas pelos estudantes e também pelos professores que se mobilizavam para questionar seu papel no adoecimento de seus alunos e até mesmo de seus colegas. Falamos sobre adoecimento e estresse, mas também sobre detecção precoce, meditação, sobre psicoterapia e sobre mudança. Sobre ser rede e ser aldeia.

A universidade é cada vez mais plural, colorida e acessível, e por isso precisamos pensar nas diferentes formas de ser e nas diferentes formações.

O projeto foi apresentado ainda no XIX Salão de Extensão da UFRGS, onde pudemos compartilhar nossas experiências com outros extensionistas, oportunizando reavaliar e repensar nossa atuação. Há muitos desafios no horizonte do projeto “Pega Leve” e da atenção em Saúde Mental nas universidades, como a necessidade de continuidade das discussões sobre o tema nesses espaços de formação, além da institucionalização do cuidado e atenção psicológica, psicopedagógica e psiquiátrica aos graduandos. O caminho que o projeto começou a trilhar em 2018 é apenas o começo de um esforço contínuo e, sem dúvidas, muito pertinente para toda a comunidade acadêmica. ◀



REFERÊNCIAS

1. Auerbach, R. P., Bruffaerts, R., Mortier, P., Alonso, J., Benjet, C., Cuijpers, P., ... Kessler, R. C. (2018). The WHO World Mental Health Surveys International College Student Project: Prevalence and Distribution of Mental Disorders. *Journal of Abnormal Psychology*, 127(7), 623–638.
2. Pacheco, J. P., Giacomini, H. T., Tam, W. W., Ribeiro, T. B., Arab, C., Bezerra, I. M., & Pinasco, G. C. (2017). Mental health problems among medical students in Brazil: a systematic review and meta-analysis. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 39(4), 369–378. <https://doi.org/10.1590/1516-4446-2017-2223>
3. Pedrelli, P., Nyer, M., Yeung, A., Zulauf, C., & Wilens, T. (2015). College Students: Mental Health Problems and Treatment Considerations. *Academic Psychiatry*, 39(5), 503–511. <https://doi.org/10.1007/s40596-014-0205-9>
4. Jones, R. C. (2008). The effects of depressed mood on academic outcomes in adolescents and young adults.
5. Lipson, S. K. (2014). A comprehensive review of mental health gatekeeper-trainings for adolescents and young adults. *International Journal of Adolescent Medicine and Health*, 26(3). <https://doi.org/10.1515/ijamh-2013-0320>

DERMATOVET 2018

Daniel Guimarães Gerardi: Faculdade de Veterinária - UFRGS

Anelise B. T. Gerardi: Faculdade de Veterinária - UFRGS

Acadêmicas Bolsistas: Michelle Hirahata, Cristiane Deon Figueiredo, Ana Paula Corrêa Fogliatto

Pacientes com afecções dermatológicas são frequentes na rotina clínica veterinária. Por consequência, esta é uma das principais causas para busca de atendimento médico veterinário. Historicamente sempre houve uma grande procura por atendimentos de animais de estimação com enfermidades dermatológicas no Hospital de Clínicas Veterinárias da Faculdade de Veterinária (HCV/FAVET/UFRGS). Esta alta demanda estimulou que fosse criada em 2006 a Ação de Extensão “DERMATOVET”, que teve como objetivo oferecer atendimento clínico especializado em dermatologia veterinária. Atualmente, além dos atendimentos especializados, a ação promove educação continuada a alunos de graduação em medicina veterinária, médicos veterinários residentes e pós-graduandos.

No ano de 2018, a ação contou com a participação de dois professores (coordenador e coordenadora adjunta), três alunas bolsistas da graduação, seis alunas de pós-graduação e dez alunos estagiários da graduação. Os alunos participantes da ação acompanham os atendimentos clínicos do professor coordenador e das pós-graduandas, auxiliam na marcação e confirmação das consultas, organização do consultório, confecção de material para exames complementares e de orientação para os tutores dos animais. Semanalmente, a ação promove discussões de artigos científicos e de casos clínicos atendidos. As apresentações são feitas pelos graduandos e pós-graduandos, e em seguida é promovido debate sobre o assunto e as dúvidas são esclarecidas.

A ação também busca promover eventos abertos à comunidade veterinária, visando contribuir com a educação continuada na área de dermatologia.



Equipe DERMATOVET

Em 2018, o grupo organizou a “I Noite da Dermatite Atópica Canina” que contou com a presença de mais de 100 participantes, entre alunos de graduação, médicos veterinários e três palestrantes. Atualmente, a dermatite atópica é a doença dermatológica mais diagnosticada no cão. É uma doença alérgica pruriginosa de caráter crônico que afeta a qualidade de vida do animal e também do seu tutor. Por esses motivos, o médico veterinário e os alunos devem estar preparados para abordarem o paciente dermatopata de forma multidisciplinar.



I Noite da Dermatite Atópica Canina

O DERMATOVET realizou ainda uma palestra sobre leishmaniose visceral canina para pais, professores e alunos do segundo ano da Escola Municipal de Ensino Fundamental São Tomé – Viamão/RS. A leishmaniose visceral é uma doença que acomete também o homem, e é transmitida pelo mosquito flebotomíneo após este picar um cão com a doença. Nessa palestra, foram abordados os métodos de controle e prevenção, assim como a identificação do flebotomíneo responsável pela transmissão.

Associadas aos atendimentos realizados pelo DERMATOVET são realizadas pesquisas de alunos de iniciação científica, mestrado e doutorado, empregando pacientes da rotina, promovendo integração da extensão com a pesquisa.

Como perspectivas futuras, o DERMATOVET pretende ampliar o projeto de educação nas escolas de ensino fundamental e buscar ações multidisciplinares como forma de complementação da formação dos alunos, e ainda oferecer mais opções para pacientes e tutores. ◀

Atendimento e Prevenção a Crianças Vítimas de Violência

10ª Edição: uma visão ampliada na formação acadêmica

Simone Algeri: Escola de Enfermagem - UFRGS

Priscila Arruda da Silva: Enfermagem - UFRGS

Myriam Fonte Marques: Assistência Social - UFRGS

Acadêmicas de Enfermagem: Raísa Tatim e Giovana Getelina

O Projeto “Atendimento e Prevenção a Crianças Vítimas de Violência” encontra-se na 10ª edição, é vinculado ao Programa de Proteção à Criança do Hospital de Clínicas de Porto Alegre (PPC-HCPA) e ocorre através de uma proposta interdisciplinar na assistência às crianças e suas famílias em situações de violência. É desenvolvido por profissionais e acadêmicos de Enfermagem, Medicina, Psicologia e Serviço Social. Por sua apresentação multifacetada, a maioria dos casos exige uma intervenção especializada e combinada de diferentes áreas. As atividades do projeto ocorrem através das reuniões semanais com a equipe do PPC-HCPA para discussão dos casos clínicos, consultas, seminários, cursos de capacitação, revisão de conteúdos teórico-práticos sobre

violência, família, saúde e educação, elaboração de pareceres, visitas domiciliares, oficinas.

O objetivo do projeto, de modo geral, é identificar, cuidar e tratar a problemática, assim como reduzir os agravos que podem vir em consequência do tipo de violência sofrida, modificar e interromper os comportamentos violentos, como o hábito comum dos pais de bater nos filhos. Além disso, busca-se também a prevenção de novas situações abusivas, pois o intercâmbio permanente das atividades desenvolvidas em parceria com outras instituições, tais como escolas, postos de saúde, centros de atenção psicossocial, conselhos tutelares e outros, possibilita articular ações, evitando a fragmentação, sobreposição

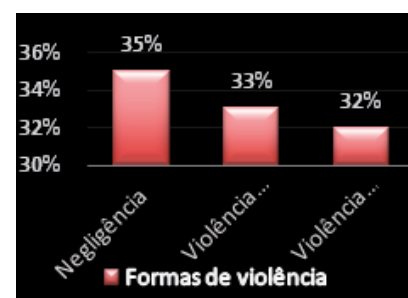
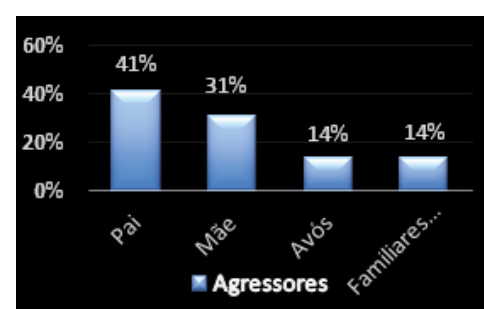
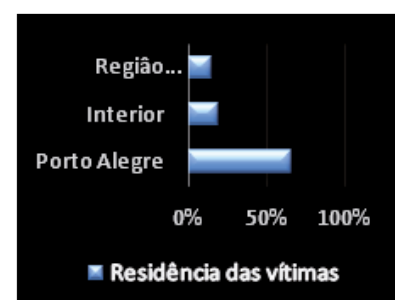
das intervenções e a reincidência quanto à vitimização.

Ao acadêmico, essa experiência possibilita uma visão ampliada na sua formação, uma vez que o aproxima do contexto sociocultural dos pacientes. Os alunos ocupam uma posição importante na intervenção frente a essa realidade. Aqueles que participam do projeto devem reconhecer as situações de riscos e evidências que indiquem presença de algum tipo de violência subjacente ao quadro clínico apresentado, sendo que é através do dia a dia, com as ações de cuidado efetivadas, que se torna possível obter subsídios para um melhor enfrentamento. Assim demonstra-se o compromisso da universidade com a formação específica e atualizada dos alunos para intervir em equipe, fortalecendo os vínculos familiares de forma que auxilie as famílias para que sejam posteriormente multiplicadoras desses conhecimentos em suas comunidades.

Por conseguinte, existe também a necessidade de formar profissionais cada vez mais habilitados para identificar, tratar e prevenir esse grave problema de saúde coletiva. Em função da complexidade, é necessário que os diversos fatores sejam estudados para que o profissional

realize cuidados específicos para cada situação, proporcionando um ambiente protetor para a vítima. Neste sentido, é possível obter subsídios para um melhor enfrentamento dessas situações, além de instigar a reflexão sobre estratégias eficazes na formação profissional e na difusão da ideologia da doutrina de proteção integral da criança às equipes que se envolvam com essa temática. O trabalho desenvolvido, portanto, permite ampliar a qualificação dos profissionais e reafirma a tão importante aliança existente no tripé ensino, pesquisa e extensão.

O projeto, no ano de 2018, atendeu 88 casos novos de crianças e adolescentes que tinham de 01 (um) mês a 19 anos de vida, em que a maioria das famílias atendidas e pesquisadas têm as seguintes questões: uma precária situação socioeconômica, desempregados na grande maioria ou na informalidade, baixo nível de escolaridade, apresentando diversos arranjos familiares, fragilidade e disfuncionalidade nos relacionamentos, progenitores muitos jovens, com uso diário abusivo e sobreposição de álcool e drogas ilícitas. As violências para fins didáticos foram agrupadas pelo principal tipo diagnosticado, considerando a presença de violência psicológica presente em todos os casos atendidos. ◀



Dança e Pessoas com Deficiência

Carla Vendramin: ESEFID - UFRGS

Premiado como destaque da Mostra Interativa do XIX Salão de Extensão, foi um programa coordenado pela professora Carla Vendramin, que desenvolveu várias ações envolvendo o tema dança e pessoas com deficiência, como a “Aula Inaugural ESEFID 2018: a inclusão de pessoas com deficiência no ensino superior em uma perspectiva a partir da dança” e seminários em colaboração com o Programa de Pós Graduação em Artes da Cena/IA, Programa de Pós Graduação em Ciências do Movimento/ESEFID e Graduação em Dança.

Através de financiamento recebido do Consulado Britânico no Brasil, a ação “Extensão no Intercâmbio com a Universidade de Coventry” firmou parceria com esta universidade britânica,

produziu a publicação do e-book “Trocando, Movendo, Traduzindo Pensamentos sobre Dança e Deficiência”, e recebeu a visita das professoras Sarah Whatley e Kate Marsh do Centro de Pesquisa em Dança (C-Dare/Coventry University). A assessoria artística, pedagógica e de gestão do grupo Diversos Corpos Dançantes (DCD) foi o carro-chefe desse programa. O grupo DCD participou de todas as ações desenvolvidas no projeto, além de manter suas atividades regulares com apresentações artísticas, oficinas de dança e parcerias com os centros culturais Casa de Cultura Mario Quintana e Instituto Ling.

De 2014 a 2018 o projeto DCD esteve relacionado ao projeto de pesquisa “A Dança com Pessoas com Deficiência e Grupos de Habilidades Mistas”. ◀



Evento realizado em 19/03/2019 na programação de celebração dos 10 anos do Curso de Licenciatura em Dança - *Trocando, Movendo, Traduzindo Pensamentos sobre Dança e Deficiência: diálogos entre dançarinas com deficiência*, as artistas pesquisadoras Dr. Carolina Teixeira (UFBA), Dr. Kate Marsh (Universidade de Coventry) e Dr. Sílvia Wolff (UFSM). Foto: Marcelo Monteiro

Normas para submissão de artigos

Os artigos deverão ser encaminhados para o endereço revistadaextensao@proext.ufrgs.br no seguinte formato:

Artigos: textos inéditos resultados de atividades de extensão ou reflexões relativas à extensão universitária caracterizando-se como contribuição ao conhecimento sobre o tema. Os artigos devem seguir as normas da ABNT, conter título, autor e titulação, e-mail e instituição, devendo contemplar aspectos formais que indiquem introdução, fundamentação teórico-metodológica, resultados, considerações finais e referências que não excedam 08 publicações/citações. A ordem dos autores, com o máximo de 4, deve obedecer à hierarquia do desenvolvimento do projeto ou programa de extensão a que se vincula o artigo.

Formato: máximo de 10 páginas (fonte Times New Roman; espaço 1,5; tamanho 12; margens 2,5 cm), incluindo imagens, referências e notas.

Importante: os artigos devem conter ao menos 3 ilustrações, uma vez que a Revista é uma publicação ilustrada. O assunto do e-mail que contenha o artigo deve ser identificado com o nome do principal autor.

Figuras (fotografias, imagens e gráficos), Tabelas e Quadros: devem ser enviados com resolução mínima de 300 DPI, legendados com fonte/créditos do autor, ter espaço/local marcados no texto e ser enviados em arquivos separados como anexos.

Orientações para o envio de artigos: os artigos deverão ser encaminhados em Microsoft Word 97-2003 ou superior. Anexar arquivo em formato ZIP ou RAR, no qual serão incluídas as Figuras, Tabelas e Quadros, em JPG. Os anexos deverão ser legendados, numerados e ter identificada a sua inserção no texto, por exemplo: Figura 1; Quadro 2, Tabela 3.

Normas para avaliação de artigos

Os artigos encaminhados serão avaliados por dois integrantes da Conselho Editorial. Caso haja necessidade, também serão encaminhados para avaliadores *ad hoc*. Os processos de avaliação e seleção têm como critérios: as normas estabelecidas para a submissão de artigos; a relevância social do tema; a consistência teórica e metodológica da proposta; a originalidade e a qualidade argumentativa do texto. Os pareceres são revisados pelo Conselho Editorial da Revista e classificados em aceito, aceito com restrição e não aceito. Os trabalhos aceitos com restrição serão devolvidos aos autores para as modificações solicitadas pelos pareceristas. Os autores terão o prazo máximo de 07 dias para reenviar o texto alterado ao endereço eletrônico da Revista da Extensão.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Reitor

Rui Vicente Oppermann

Vice-Reitora

Jane Fraga Tutikian

Pró-Reitora de Extensão

Sandra de Deus

Revista da Extensão nº18

Porto Alegre, julho de 2019

Publicação da Pró-Reitoria de Extensão da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Editora

Claudia Porcellis Aristimunha

Editor Assistente

Vicente Fernandes Dutra Fonseca

Projeto gráfico e diagramação

Paulo Baldo

Revisão

Marcos Almeida Pfeifer

Vicente Fernandes Dutra Fonseca

Conselho Editorial

Enock da Silva Pessoa (Universidade Federal do Acre)

Deise Cristina de Lima Picanço (Universidade Federal do Paraná)

Fernando Arthur de Freitas Neves (Universidade Federal do Pará)

George França dos Santos (Universidade Federal do Tocantins)

Geraldo Ceni Coelho (Universidade Federal da Fronteira Sul)

Gustavo Menéndez (Universidad Nacional del Litoral - Argentina)

José Antônio dos Santos (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Mónica Bussetti (Universidad Nacional de San Luis - Argentina)

Pantelis Varvaki Rados (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Paulo Henrique Caetano (Universidade Federal de São João Del Rey)

Presidente do Conselho Editorial

Sandra de Deus (Universidade Federal do Rio Grande do Sul)

Impressão: Gráfica da UFRGS



Acesse a versão digital da Revista da Extensão
em www.revistadaextensao.ufrgs.br ou seer.ufrgs.br/revext

Revista da Extensão



A Extensão vista de perto

Publicação da Pró-Reitoria de Extensão da
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Av. Paulo Gama, 110, 5º andar, Bairro Farroupilha
CEP 90046-900 - Porto Alegre / RS
(51) 3308 3436 / 3308 3379

www.prorext.ufrgs.br
revistadaextensao@prorext.ufrgs.br